

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

• A NOVELLA POPULAR •

N.º 161/1930



Aventuras extraordinarias  
dum policia secreta

o terror de Londres



EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA E SOUSA  
COMPRIMEIRA EMP. LUSITANA EDITORA —  
C. DO FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO  
60  
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
DA NOVELLA POPULAR  
C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

Um romance completo por

# OS BONS ROMANCES

200 REIS

Publicação mensal de grande formato

== CADA VOLUME CONTE ==  
== 14:00 LINHAS ==  
== DE LEITURA EMPOLGANTE ==

## Volumes publicados:

- O homem das multidões, de *Pierre Zaccoue*.
- O casamento d'um forçado, de *A. Bouvier*.
- A aposta maldita, por *Jules de Gastyne*.
- Os Fugas d'Oiro, por *Paulo Féva*.
- As filhas do povo, por *Alouis Bouvier*.
- O filho dos boers, por *Eider Hagart*.
- Invidja fatal, por *Henri Privost*.
- O segredo da desconhecida, por *J. Gastyne*.
- Fausto, por *Raoul Verneuil*.

Estes romances, seleccionados com escrupulosa attenção, compoem uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

# OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

REIS • um bom romance completo

## Collecção Artística

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras

### Volumes publicados

1. Arsenio Lepin, rainha da alta roda, por *Maurice Le Blanc* (Fig. 1, 2. O Homem Mystérieux, Guy de Tournon).
2. O tuzado de gelo, *Pierre Giffard*.
3. Arsenio Lepin, contra Herlock Sholmes, *Maurice Leblanc*.
5. Um crime na floresta, *Goldsworthy*.
6. O Prisioneiro de Marlo, *G. Le Rouge*.
7. O Clã dos Ladros, *Boney A. Boring*.
8. A Arca de Noé, (Novas aventuras de Arsenio Lepin) *M. Leblanc*.
9. O Homem sem rosto, *Paul d'Ivoi*.
10. A Virgem Vermelha, *Pierre Giffard*.
11. O Canhão do som, *Paul d'Ivoi*.
12. Qual dos tres! grande romance policial, *A. Q. Green*.
13. A Guerra dos vampiros, *G. Le Rouge*.
14. O Pirata do Terro, *Max Pemberton*.
15. As Ires passadas, sensacional romance de aventuras) *Paul d'Ivoi*.
16. Kowa, a mysteriosa, por *Ch. Foley*.
17. 813, (Novas aventuras de Arsenio Lepin), por *M. Leblanc*.
18. Em Férias, por *Henri de Régnier*.
19. O Palacio submarino, por *Max Pemberton*.
20. Um crime tenebroso, por *A. Galdino*.
21. A mulher errante, por *Fergus Hume*.
22. O Sombro, por *E. Zola*.
23. Os dez olhos d'ouro, *P. d'Ivoi*.
24. Um gatinho de casaca, por *E. W. Hornung*.

Cada vol., in-4°, contendo a materia de um  
350 rs. CCC grosso vol., in-8°, de 300 \$\$\$ rs. 350

# A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato  
Cada numero um episodio completo

60 Rs. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA DE PORTUGAL Rs. 60

É mas notavel e sensacional  
+ das novidades litterarias +

Edição esmerada, cuidadosamente impressa  
e composta em magnifico typo  
É' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que  
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva  
HISTORIA DE PORTUGAL  
Desde os tempos primitivos até a actualidade

### Volumes publicados:

- 1 Viriaco, o heroe luso
- 2 Roma na Lusitania
- 3 Os barberos do Norte
- 4 A Invasão dos Arabes
- 5 Fundação de Portugal
- 6 O cerco de Guimarães
- 7 Egas Moniz
- 8 Conquista de Lisboa
- 9 Girão Sempayr
- 10 D. Fuas Roupenho (Milagre da Nazareth)
- 11 Teodora d'Alacer
- 12 Rainha D. Mécia
- 13 O Rolinche
- 14 O rei trovador
- 15 Rainha Santa Isabel
- 16 A Batalha do Salado
- 17 Inico de Castro
- 18 Vingança de Rei.
- 19 A Rainha Adelaide
- 20 Maria Telles
- 21 Mestre PAVIZ
- 22 Paidera d'Aljubarriota
- 23 O Barbede
- 24 O Magrão com os Doze de Inhiater a
- 25 Os Triplices. (Tomada d' Ceia)
- 26 Descobrimto da Madeira
- 27 O Alagame de Santarem
- 28 O mona-cho eloquente

- A seguir:
- 29 A trache de Alf-archbeis
  - 30 Escola de Sagres
  - 31 A Betrança
  - 32 Conspiração dos nobres
  - 33 Re Ve turco
  - 34 Equi-8 d's infels

EMILIO GANTE

# HISTORIA POPULAR DA PROSTITUICAO

Desde os primitivos tempos até a actualidade

ficam-se publicados os quatro volumes

- I Obscurezas primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia ..... 300
- Impedimentos de Roma Primitiva—Desarrolho dos Romanos ..... 300
- III Desmoralisação Francesa—Tempos modernos ..... 300
- IV (o ultimo volume) Tempos modernos ..... 300

Numero 161

Lisboa, 18 de julho de 1912

Anno IV

# O TERROR DE LONDRES

## CAPITULO I

### Evasão sensacional

As primeiras alvôres da manhã, um carro cellular parou em frente d'uma das innumerables portas do antigo palacio real de Windsor, residencia secular das familias reinantes de Inglaterra.

Esse carro, destinado, escusado seria dizel-o, ao transporte de presos, pertencia a delegação central de policia, Scotland Yard.

Que motivos haveria para que semelhante vehiculo parasse em frente do palacio real? A tal pergunta a resposta não se fez esperar, porque, poucos momentos volvidos, abria-se o portão e appareciam alguns agentes escutando um preso, que immediatamente foi mettido dentro do carro.

Um dos agentes preparava-se para subir por suas ves, quando um individuo que estivera até então observando o que se passava se adontou e em tom em que se reconhecia o homem habituado a mandar dizer:—Se me não engano é o sr. Muelcs, da quinta divi- são, não é verdade? Não me conhece?

O agente, fazendo uma venia, respondeu:

—Quem não conhece o sr. Holmes?

—Bem. N'esse caso, acrescento o celebre criminalista, permita-me que lhe faça algumas recommendações. O preso que vae acompanhar deve ser cuidadosamente vigiado.

—É um bandido temivel. Tenha muito cuidado com elle, sr. Muelcs.

—Garanto-lhe que será bem guardado, sr. Holmes. Tenho ali mais dois figurões que trago de Sud-district, mas...

—Como? Leva mais presos na carruagem? Nunca fazem o que se recommendo. Mandei pedir um carro especial, porque não fizeram o que se disse?

—Em Scotland Yard deram-me ordens para vir aqui directamente, mas fui chamado da estação 83, como não havia outro carro disponível, tive de cumprir a ordem do inspector, trazendo os dois presos. Eis o que se passou, sr. Holmes.

—Está bem, o sr. Muelcs cumpriu as ordens que recebeu. E agora não ha remedio. Os presos estão aquemados?

—Sim, senhor, e posso garantir-lhe que não quebrarão facilmente as algemas. Foi eu proprio que lhes puzo.

—N'esse caso, pára. Aconselho-o mais uma vez a que tenha o maior cuidado e não se esqueça de que conduz um temivel bandido, que conta innumerables pu-

ACO  
823/91  
D598-99  
P44 v. 7 no. 161

ões e que não deixará de tentar evadir-se durante o percurso.

O agente fez a continência militar, saltou para dentro do pesado veículo, onde ficou em pé, fecho com estroendo a portinhola do carro e ordenou depois ao cocheiro:

—Largal!

O carro partiu. Mucles sentou-se junto da porta. Tirara do cinto a sua pistola Browning pronto a servir-se d'ella, caso fosse necessario, disposto a reprimir qualquer tentativa de evasão.

Era homem valente e destemido.

O veículo seguiu em direcção a Londres. Percorreu-se metade do caminho sem que os presos fizessem e minimo movimento. A vigilância de Mucles afrouxou um tanto ou quanto, entretendo-se o agente a contemplar através da porta gradeada a paisagem que se lhe desenrolava perante o olhar e os vapores de recreio que singravam o Tamisa.

Era um espectáculo encantador, que lhe absorvia por completo a atenção.

Nesse momento, um dos presos trocou um olhar rápido com os companheiros. Ouviu-se um ruído seguido de um estertor.

Mucles voltou a cabeça, ao mesmo tempo que tomava a attitude de quem se prepara para qualquer eventualidade, embora a mais terrível. Suspeitando que se tratasse d'alguém cedido, apertou com mais força a Browning.

Aquelle que trocára o olhar com os companheiros, Norfolk Fieldertown, o terror de Londres, parecia ter sido acometido d'um violento ataque epileptico. Retezava-se e o corpo, sacudido por fortes convulsões, e os olhos reviravam-se-lhe nas orbitas. Os dois outros presos olhavam-no, aparentemente tranquilos e admirados.

O agente hesitou um pouco entre o seu dever e os sentimentos de humanidade que se lhe debatiam na alma. Vencendo estes, curvou-se sobre o preso, a fim de lhe desabotoar o collarinho.

Nesse momento, o fingido epileptico ergueu as mãos, cravando as unhas raiosamente no pescoço do agente. Surprehendido por um ataque tão brusco e que tão longe estava de esperar, Mucles perdeu um pouco o sangue frio.

Tentou contido resistir.

N'um relance, viu que cahira n'uma armadilha e que precisava vencer o adversario, se queria salvar a vida.

Reunindo todas as suas forças, Mucles ia dominar aquelle que tão insolitamente o atacára, tendo já conseguido desprender uma das mãos que lhe seguravam o pescoço.

Mas um dos outros presos, levantando um pé, deu-lhe uma forte pancada n'uma das fontes.

Soltando um leve gemido, o agente caiu junto do adversario, o qual de novo lhe lançou as mãos ao pescoço, segurando-o com força, apesar d'elle se debater desesperadamente.

A resistencia era, porém, baldada. Atordoado pela pancada, o agente não dispunha da força que os seus potentes musculos lhe forneceriam se se não desse tal circumstancia.

Um ultimo estertor e o corpo de Mucles, apoz um brusco estremeção, ficou imóvel.

Estava morto.

Os tres prisioneiros olharam-se em silencio.

—Bravo, seu valente! disse um d'elles, quando, depois de largar a victima, o assassino se pôz em pé. Foi trabalhinho assaeado, não ha duvida. Não podia fazer melhor o seu papel. E' um gosto vêr trabalhar assim.

O outro acrescentou:

—E com que habilidade se livrou das algemas! Já muitas vezes o tenho feito, mas, com tanta arte, nunca vi.

Fieldertown nada respondeu. Curvára-se de novo sobre o cadáver do agente e rebuscava lhe as algebras. Encontrou sem duvida o que queria, porque, levantando-se, approximou-se da porta do carro e introduziu uma chave na fechadura.

Preparava-se para sahir.

O preso que interviu na isola, auxiliando tão effizicamente o bandido, disse:

—Escute, Espero que, sendo um cavalheiro, se não esqueça do auxilio que lhe prestei e que tão bom resultado teve. Se não fosse eu, com certeza não teria sahido victorioso da lucta.

—Sim, é verdade, acrescentou o outro preso. Tinha graça se abandonava o carro sem que nós o acompanhássemos.

Norfolk Fieldertown, cujas proezas constituiram o assunto d'outra *Novella*, furioso, soltou algumas blasphemias, replicando em seguida:

—Tambem trabalhei er proveito dos senhores. Não preciso recordar a entrevista do parlamento. Examinei-lhe as algebras, e apontou para o cadáver do agente, mas não encontrei a chave das algemas.

O primeiro dos presos, Springhall, a quem os companheiros tratavam por Tom Beekler, objectou com má humôr:

—Note que não pertence ao seu bando, apesar do seu famoso trabalho, e que sei perfeitamente que certas algemas só se abrem com as chaves pertencentes a Scotland Yard. Mas isso não nos importa. Au

xilio nos apenas a sahir d'esta maldita caixa, e o resto é omissão. Não é verdade, meu caro Tommy?

O interpellado fez um signal affirmativo com a cabeça.

Fieldertown limitou-se a dizer:

—Não podemos sahir n'este momento. Conheço muito bem o sitio em que nos encontramos. Seriamos immediatamente fiados. Eu os prevenirei quando chegar a occasião oportuna.

E, sem acrescentar palavra, sentou-se junto dos companheiros. Tirando do bolso um charuto, acendeu-o, começando a a pirar-lhe voluptuosamente o fumo, que subia em azulesas espirass.

—Ah! Por tão. Esquecia-me dos deveres de civilidade, o que não é de admirar depois do que se passou. São servidos? Ah, então?!... Não lhes chegam? Bem, aqui teem!

E, tirando d'os charutos d'um maço que apresentára para os companheiros escolherem, metten-lh'os entre os labios, acendendo-os em seguida.

Tudo isto fôra feito com tanta cordialidade e delicadeza que os dois lhe largaram um olhar de reconhecimento.

Poucas fumaças os bandidos tinham aspirado, quando as feições se lhes demudaram; olhos muito abertos, enormes, quasi a saltarem das orbitas, fronte alforçada de grossas bagas de suor, rosto pallido e cadaverico.

E ambos cahiam d'ahi a momentos como mays sobre o banco, ao que parecia inanimados. Os charutos tinham produzido effeito fulminante.

O veículo parou no pátio da delegação central da policia, em Scotland Yard, na City. O cocheiro bateu na porta diversas vezes com o cabo do chicote, para dar signal ao agente de que tinham chegado ao seu destino.

Nem o mais leve movimento dentro do carro.

Dois agentes approximaram-se e bateram por duas vezes na porta. Ninguém respondeu. Surprehendidos, outros agentes accorreram, presentindo o que quer que fosse de terrível.

Finalmente a porta foi aberta e aos olhos dos que alli estavam deparou-se um espectáculo aterrador. No interior do carro viam-se tres cadaveres: o de Mucles e os de dois presos.

Fieldertown desaparecera: tinha se evadido, sem deixar rasto.

## CAPITULO II

### O rapto da noiva

Sherlock Holmes sahira do castello de Windsor logo apoz a partida do carro cellular e dirigira-se para sua casa, em Bakerstreet.

Apenas alli chegára, sou a campainha do telephone e perguntaram pelo criminalista.

—Aqui, é de Scotland Yard. E ahí?

—Sherlock Holmes.

—E' o senhor, mestre?

—Eu mesmo.

—Precisamos de si.

—Diga.

—Ouça, então.

E narrou o que tinha succedido á chegada do carro.

Harry Taxon dera ordem á sr.<sup>a</sup> Bonnet para que servisse o almoço. Qual não foi a sua estupefacção ao vêr o mestre pôr o auscultador no despenço e dirigir-se precipitadamente para o seu quarto!

—Então, sr. Holmes, não vem almoçar?

—Não, meu rapaz, vamos sahir immediatamente.

—Aonde vamos?

—A Scotland Yard.

—Ha novidade?

—Pelo esmolho te contarei.

E, enquanto mu-lava rapidamente de vestuario, o criminalista murmurava:

—Ha de ser Harry quem se encarregará do caso. A mim é que me não apañam. Não queiram seguir os meus conselhos, que se atenham lá como quiserem. Parece que não sabiam com quem tratavam. Ou são idiotas, ou estúpidos. Um bandido d'aquelles conduzido assim, como um malfeitor vulgar! Só a gente de Scotland Yard é que faria uma d'essas.

Appez da má disposição que tal silologuio indicava, dirigiu-se, acompanhado de Harry, para a delegação central da policia.

Chegado ahí, examinou minuciosamente os tres cadaveres, reconstituindo a scena da evasão como ella se dera. O que lhe causou admiração foi o facto de Fieldertown se ter assim desavencilhado dos que o haviam auxiliado na lucta com o agente. Onde adquirira elle os charutos envenenados? Porque se desfizera assim dos cumplices? Naturalmente, pensou o criminalista, porque meditava algum projecto terrível, do que a sua ferti imaginação de criminoso lhe suggeria, e queria ser só elle a realisar-o.

—Em que diabo pensára elle? perguntava-se mentalmente. Em coisa boa com certeza que não é. Vamos vêr se o desenganamos.

Apezar do protesto que tinha feito, elle e Harry Taxon começaram a percorrer Londres em todos os sentidos, sem que os seus esforços fôsem coroados de exito.

Decorrem uma semana. Ao fim d'esse tempo, a existencia do bando revelou-se por novas provas. Em varios palacios, segundo era vos coherente, tinham sido praticados arrombamentos. Mas, facto deveras extranho! as victimas não se queixavam. Porque? Ao que se dizia, porque os roubos eram acompanhados de cartas ameaçadoras, impondo silencio.

Toda a policia de Scotland Yard se pôz em movimento. Mas nem ella, nem Sherlock Holmes conseguiram descobrir os auctores de taes roubos e ameaças. O panico começava a roinar não só entre os membros da alta aristocracia, mas entre os opulentos negociantes da City.

Ninguém se julgava em segurança e preferiam, os ameaçados, pagar o que lhes era exigido, a fim de recuperarem a tranquillidade.

Apezar de apenas se estar em meiodas da estação, muitas familias pensavam já em partir para o campo ou para as estancias thermaes.

Fugiam assim ao perigo que os ameaçava, perigo tanto mais temivel quanto os bandidos ficavam invisiveis.

Entre os que haviam recebido cartas de ameaça contava-se lord Jayme Melbourne, um dos mais opulentos fillogos de Londres. Não hezira um momento. Entregára essas cartas a Sherlock Holmes e desprezára as ameaças.

Na noite em que prossegue a nossa narrativa, as janellas da frontaria do magnifico palacio do lord, todo de precioso marmore, respaldavam com a claridade que as janellas reflectavam. De todas as ruas convergiam rios equipagens, conduzindo formosas damas da aristocracia, apparentadas na maior parte com o opulento lord.

Em frente da entrada principal estendia-se uma longa fila de carruagens, que só uma a uma podiam entrar no pateo de honra. Os agentes que mandavam a ordem diligenciam sempre a sua autoridade a um *chauffeur* realocitrante, mas um outro agente, que a um lado do *chauffeur*, disse aos seus collegas que deixassem entrar esse vehiculo, que conduzia um homem já de idade, vestido com simplicidade.

Uma vez dentro do pateo, esse homem apeou-se e, dirigindo-se a um creado, pegou-lhe n'um braço e disse:

—Sou o inspector Gordon, de Scotland Yard. Vá annunciar-me immediatamente a sua excellencia lord Melbourne.

O creado replicou:

—Sua excellencia não lhe pôde falar. Talvez o secretario particular...

O inspector não fez caso da resposta e, empurrando o creado, attonito, ziguezou d'um polo a escallaria diante dos olhares admirados da creadagem. Indo direito ao gabinete de lord Melbourne batou uma ligeira pancada na porta e, sem esperar que respondessem, entrou.

O lord ficou estupefacto ao vêr esse desconhecido. O intruso não aguardou que o interrogassem. Fecbando a porta cuidadosamente, disse em tom resolutivo:

—Sou o inspector Gordon, de Scotland Yard. Pedi para o seu palacio ser hoje vigiado attentamente durante o baile. Assim se ordenou. Ha pouco fizemos, porém, uma descoberta importante e estou aqui a fim de que v. ex.ª me acompanhe. Não ha tempo a perder, os minutos são preciosos. Além d'isso, não se trata só da sua vida, mas da dos seus dois filhos. Queira acompanhar-me.

Lord Melbourne replicou, mal humorado:

—Só tenho uma filha, Mauth, cujo enlaço he se festeja.

—Sei que expulsou seu filho. Parece-me, porém, que a vida do mancohe...

O inspector foi interrompido pela brusca entrada do secretario particular do lord, que, abrindo a porta de subito, exclamou em voz offegante:

—Perguntaram, pelo telephone, de Scotland Yard se o inspector Gordon estava com v. ex.ª Como eu respondo que se encontrava aqui, em conferencia com lord Melbourne, uma pessoa que eu não conhecia, recomendaram-me que viesse immediatamente prevenil o que de não esperados com impaciencia. E' caso urgente, ao que dizem.

Se o lord duvidasse do que o visitante affirmára, as suas duvidas teriam desaparecido ao ouvir aquellas palavras do secretario.

Ordenou:

—Mande preparar o meu automovel, immediatamente.

—Tenho já em baixo o meu, attonito o inspector. Pegu-lhe que se sirva d'elle.

Lord Melbourne desceu a escada com a maior rapidez, sem attender e retribuir sequer os cumprimentos dos numerosos convidados que iam chegando.

Saltou para o automovel. Cassou lhe certa estranheza ao não vêr o inspector subir tambem.

Viu Gordon ordenar ao *chauffeur*:

—Para Scotland Yard, Toda a velocidade!

O automovel partiu como uma setta antes que o lord tivesse tempo de indagar o motivo por que o inspector o não acompanhava.

Um quarto de hora depois, o vehiculo parava em frente do monumental edificio que é a delegação central de policia de Londres. O nobre lord apeou-se e entrou. Com grande assombro seu, souba que o chefe superior da policia não estava no seu gabinete, nem mesmo no edificio. Soube ainda, cada vez mais admirado, que nem lhe tinham telefonado, nem o inspector Gordon fôra ao seu palacio.

Ficou attonito.

Comprehendeu que fôra alvo d'uma mystificação, com qualquer fim criminoso, sem duvida. Sahiu em procura do vehiculo que ali o conduzia. O automovel tinha desaparecido.

Dirigiu-se a casa de Sherlock Holmes, onde, meia hora depois, chegava. Depois de ouvir o que se havia passado, o criminalista coarvidos o a sair, seguindo o vehiculo que conduzia o lord e que estava á espera.

Lord Melbourne perguntou:

—Que lhe parece, sr. Holmes, o que lhe contei? Qual é a sua opinio?

—Era hoje que se assignava o contracto de casamento de lady Mauth, não é verdade?

—Sim. Deixei os meus convidados já no palacio, visto que supuz verdadeira a personalidade do inspector Gordon, confirmada de mais a mais pelo que o secretario particular me foi dizer.

«Não comprehendo.

«Pois... primeira coisa que tem a fazer ao chegar ao palacio, é terminar com a festa.

O fidalgo olhou espantado para o criminalista, sem comprehender bem.

—Mas porque ha de a festa terminar? A esta hora com certeza que os convidados estão já todos e seria uma falta de cortezia imperdoavel da minha parte o despedil-os.

—Sim, mas é preciso attender a que quando se assigna um contracto de casamento, creio que a principal personagem é a noiva. Se essa não está presente, o contracto não pôde assignar-se, me parece. E' mesmo o que a lei manda.

Lord Melbourne empallideceu extraordinariamente e, com voz habuciente, tremula de commoção, arguendo-se do logar onde estava sentado:

—Referese a minha filha...

Nada mais pôde dizer. Caiu como que aniquilado.

—E' preciso ter coragem, lord Melbourne. Os perigos devem ser encarados de frente, sem desfallecimentos nem tibezias.

—Mas, sr. Holmes, porque suppõe que minha filha não esteja presente.

E lagrimas abundantes lhe correram ao longo das faces.

—Não é difficil de adivinhar. O lord entregou-me a primeira carta em que lhe fiziam ameaças, exigindo-lhe uma quantia importante. Não se trata d'uma tentativa isolada, como sabe. Na segunda carta exigiam-lhe o duplo da quantia primitivamente fixada, como castigo de me ter encarregado das investigações. E era acompanhada de ameaças, não só sobre a sua, mas ainda sobre a vida de sua filha, no caso das exigencias não serem attendidas. Empreguei todos os esforços para encontrar o auctor d'essas cartas, sem resultado porém. Mas comprehendo agora o insucesso das minhas diligencias: procurava o inimigo tórá, quando elle estava em sua casa.

«Os patifes faziam ameaças de morte, mas não creio que assim succeda. Que resultado tirariam do cumprimento da ameaça? O que principalmente querem é um bom resgate.

«Lord Melbourne perguntou, um pouco mais animado por aquellas palavras:

—Parece-lhe então que não ha motivo para receiar pela vida de minha filha?

—Pôde estar socegado a tal respeito. Quando fazem taes ameaças, não costumam derramar sangue. Lord Melbourne foi atirado fóra de casa, com o fim unico da poderem raptar com maior facilidade sua filha. Tal é a minha opinio.

—Todavia, custa-me a crer que isso se tenha dado. Como seria isso possivel, estando o palacio cheio de convidados? A minha Mauth não é já uma creancinha, que se deixe agarrar sem custo. Não creio que se trate d'um rapto.

Sherlock Holmes não relaxou.

O automovel approximava-se do palacio do lord, parando d'ahi a pouco.

O lord apeou-se immediatamente, correu para a escada, perguntando ao primeiro creado que ali encontrou:

—Minha filha está recebendo os convidados, não é assim?

O interpellado abriu muito os olhos, mas nada respondeu.

Sherlock Holmes, olhando para o creado attonito, perguntou:

—Quando e com quem sahio lady Mauth?

—O inspector mandou um bilhete em que pedis que a lady acompanhasse o portador, e assim succedeu. Ainda não voltou.

O lord comprehendeu. Sua filha havia sido raptada. Olhou para o criminalista, com os olhos marejados de lagrimas e pediu-lhe que empregasse todos os es-

forças para conseguir encontrar e libertar lady Mauth.

Sherlock Holmes mandou chamar a creada de quarto.

Interrogou-a:

—O que sabe a respeito de sua ama?

—Tinha acabado de vestir a lady para o baile e esperava-se apenas o noivo, quando appareceu um agente com um bilhete de lord Melbourn ordenando que lady Mauth seguisse o portador e fosse ter com o inspector.

—Esse tal agente entrou aqui?

—Não, senhor. Lady Mauth é que foi ao seu encontro.

—Ouviu o que disseram?

—Nem uma unica palavra.

—Veja se se recorda, embora fosse a minima palavras.

A creada affirmou de novo que nada tinha ouvido e que apenas vira o agente cumprimentar a lady, cumprimenta a que esta correspondera.

—Nada mais sabe então? Não lhe causou desconfinça tal bilhete?

A creada não respondeu.

Sherlock Holmes perguntou de novo:

—Não lhe parece que se trata d'um crime?

A interrogada respondeu que lhe causára desconfinça o ver lady Mauth esconder debaixo da capa que lançára pelos hombros um volumoso objecto, mas nada dissera.

O criminalista teve um sobresalto. Ordenou:

—Vá ao guarda-vestidos e verifique se ahí falta alguma coisa. Veja tambem se estão todos os objectos no tocador.

## CAPITULO III

### Novo mysterio

Lord Melbourn dirigira-se para o seu gabinete de trabalho e mandára por um creado chamar o secretario.

Não foi encontrado, apesar de ninguem o ter visto sair do palacio.

Emquanto o criminalista interrogava a creada de quarto, o lord interrogava toda a creadagem, não obtendo, porém, resultado apreciavel, visto que ninguem adeantava coisa alguma. Acabava elle de interrogar o ultimo creado, quando Sherlock Holmes penetrou no gabinete.

Lord Melbourn levantou-se e correu ao seu encontro, exclamando:

—Descobriu alguma pista?

—Não se descobre assim uma pista com tanta rapidez, lord.

—Para o senhor não ha impossiveis.

—Obrigado pelo cumprimento, mas não ha modo de encontrar a pista dos raptadores, pela simples razão de que não houve rapto.

Notando a expressão do lord, que mostrava não comprehender, o criminalista acrescentou:

—Sua filha, lord Melbourn, não foi raptada. Abandonou voluntariamente o palacio. Lady Mauth conhece os intuitos do falso inspector, aguardava o seu apaixonado e quando o lord sahia acompanhou o sem resistencia.

Lord Melbourn exaltou-se ao ouvir semelhantes palavras.

—E' impossivel o que diz.

—Pois é a pura verdade. Lady Mauth tinha collaborado no plano do rapto, chamemo-lhe assim, se laborado no plano do palacio com a maior tranquillidade de espirito.

—Como prova tal asserção, sr. Holmes?

—Por tudo quanto se passou. A facilidade com que fingiu acreditar n'um falso emissario e n'um falso bilhete, na propria noite em que se devia assignar o contracto dos seus esponsaes, e sobretudo o facto de levar o que quer que fosse debaixo da capa que detira pelos hombros. Se não estivesse de accordo com o raptor, nada levaria. E se lady Mauth assim procedeu, o caso reveste outro caracter. Quer me parecer que a faça nada, absolutamente nada tem com as cartas de ameaça.

E, dizendo isto, Holmes preparou-se para voltar. N'esse momento, depois de pedir licença, um creado entrou no gabinete, informando o lord de que o porteiro sustentava a affirmava ser totalmente impossivel que o secretario tivesse sahido. Devia, por força, estar no edificio.

O criminalista quis averiguar o fundamento de tal asserção. Era um facto importante o saber se o secretario tinha ou não cooperado no plano da fuga da joven e se contribuira para que o lord sabsisse no momento preciso, ou se havia tambem sido illudido na sua fé.

Restava-lhe ainda averiguar se, como desde principio suppozera, não seria o secretario particular o auctor das cartas. O caso tomava agora outro feição. Quantos mais tratos dava á imaginação, mais se convencia de que a sahida da lady da casa paterna devia obedecer a um motivo ainda ignorado.

La tentou descobrir esse motivo.

Seria a sua base de operações.

O criminalista pediu ao lord que mandasse chamar o porteiro.

Logo que este appareceu, perguntou-lhe:

—Ao que se affirma, o senhor declara que o sr. Swintpaintner não sahia ainda do palacio. E' isso verdade?

—O magestoso porteiro olhou para a ama, como que a perguntar-lhe se devia responder áquelle desconhecido que se permitia sem mais nem menos a liberdade de o interrogar.

—Sim, Nelson, o que tem que dizer? disse lord Melbourn.

Nelson respondeu:

—Affirmo que o sr. Swintpaintner se acha com certeza no palacio. Estive sempre junto do vestibulo e observei todos os que entravam e saham. Lembrei-me de que os rechos ultimamente d'aqui se tem sempre realisado durante as festas havidas nos Palacios. Ao mesmo tempo vigiava a porta falsa e ninguem podia sahír sem que eu o visse.

—Julga então que fosse impossivel algum sahír sem o senhor dar por isso?

E lord Melbourn acrescentou:

Deve saber que o meu secretario tinha chaves das outras portas de sahida, Nelson.

—Não ignoro essa circumstancia, excellencia, mas essas chaves hoje não lhe podiam servir.

—Porquê? perguntou o lord com interesse.

—Suspeitei de que entre o numero pessoal pu desae haver elementos pouco seguros ou mesmo cumplices dos bandidos que tem aterrado Londres pela sua audacia. Quasi á noiteinha puz n'algumas portas ceados fortissimos, cujas chaves estão em meu poder. Esses cadeados estão intactos, logo não houve tentativa alguma de arrombamento. E não de gazas se podiam servir.

Lord Melbourn ia objectar o que quer que fosse quando Sherlock Holmes o atalhou, dizendo ao porteiro:

—Proceda muito bem, sr. Nelson, e com verdadeira mestria. Mas, repito: tem absoluta certeza de que o sr. Swintpaintner não podia ter sahido? Desfilou po' deante de si tanta gente que era facil não o ter visto.

—Pois posso affirmar-lhe que vi e examinei todos os que saham. O creado Jyme, que faz serviço no vestibulo, pôde confirmar o que digo. Não sahíu, com certeza.

—Está bem, pôde retirar-se.

O magestoso funcionario olhou para o amo, como que esperando á confirmação d'aquelle ordem.

Não reconhecia a autoridade do criminalista.

—Sim, Nelson, pôde retirar-se, disse o lord.

Apenas ficaram aós, Sherlock Holmes observou:

—Estou convencido de que este homem disse a

verdade, isto é, que o secretario particular está ainda no palacio.

Lord Melbourn redarguiu:

—E se assim é, no que não creio, o que tenciona fazer, sr. Holmes?

—Tentar descobri-lo, replicou em tom natural o celebre criminalista. Primeiro, porém, vou tratar de saber se já veio resposta a alguns telegrammas que expedi para diversos pontos. Depois, vierei tratar de desencantar o sr. Swintpaintner.

—Só peço que se digne ordenar aos creados que me obedecam por completo, sejam quasi fôrem as ordens que se der.

—Porque não ordenou já que fossem vigiadas as gazas e porque se não procurou ainda minha filha? perguntou o lord.

—Pela simples razão de que lady Mauth, no caso de sahír da cidade, tomaria um automovel e não um comboio, pois n'um caso d'estes é preferivel aquelle meio de transporte.

Sherlock Holmes pegou no chapéu.

Em seguida disse:

—Demoro-me apenas uma hora, lord Melbourn. Queira dar ordem aos creados para guardarem todas as sahidas enquanto eu não voltar.

Sahiu.

O lord abandonou tambem o aposento.

Mal se fechára a porta, uma grande estante pejada de livros, que occultava uma das paredes do gabinete, pareceu mexer-se. Como que por encanto, a estante afastou-se, pondo a descoberto uma abertura d'onde surgiu um homem alto, que ficou immovel durante um momento, escoando atentamente.

Nada ouvindo de suspeita, dirigiu-se vivamente para a secretaria.

Com uma pequena chave que tirou do bolso, abriu uma das gavetas, que começou a revistar com o maior cuidado.

Se lord Melbourn tivesse visto aquelle homem, tel-o-hia reconhecido como sendo o seu secretario particular. Sherlock Holmes chamar-lhe-hia Norik Feltortown.

O bandido, pois era realmente elle, murmurou a mais voz:

—Este côo damnado anda-me então na peguada?

Pois vae spanhar uma ligão mestra, meu menino, e muito pouco sorte terai se d'esta vez te não inutilisar para sempre. Quanto a esse velho tosto, as coisas

não correm mal, visto que estou de posse de todos os seus segredos. E que riqueza, que abundancia! Ao me o madreal em dinheiro, terei saccos e saccos de ouro!

Norik devia ter ouvido muito apurado, pois, apesar de se não ouvir ruido algum, parou, escutou atento e, fechando a secretaria, desapareceu pelo mesmo caminho por onde viera.

A estante voltou á posição anterior, sem o mais leve rangido.

Um minuto depois, a porta do gabinete abria-se e entrava lord Melbourn, que, sentando-se á secretaria, ficou immerso em fundas meditações.

Decorrida cêra de meia hora, apoz uma leve pancada, a porta de novo se abriu, dando passagem a Sherlock Holmes.

— Sua filha está occulta em Londres, lord Melbourn. Posso garantir-lhe o que affirmo. E em breve, assim o espero, a descobrirei, mas agora tenho outra coisa a fazer. Deu aos creduos os ordens que eu desejava?

— Sim, e o meu pessoal sabe que lhe deve obedecer como a mim proprio.

— Bem. Nada mais é preciso. Aconselho-o a que vá deitar-se e tente dormir. Se houver alguma novidade, não se preocupe com o que ouvir. Fiquê socegado no seu leito, que eu não são e vigiarei attentamente.

— Pôde ter confiança em mim.

Lord Melbourn fez o que lhe era aconselhado. Dirigiu-se para o seu quarto de cama, deitou-se e tentou dormir, apesar das preocupações que lhe alanceavam o espirito. Esteve por mais d'uma hora desperto, mas, fatigado pelas commoções soffridas, adormeceu finalmente.

A natureza fazia valer os seus direitos.

## CAPITULO IV

### A oitada

Sherlock Holmes ordenou á creandagem que se fosse deitar e que, ouvisse o que ouvisse de noite, se não levantasse.

Foi obedecido promptamente.

E aquelle palacio, que horas antes resplandecia com o brilho das innumeraveis luzes, que se preparava para uma festa sumptuosa em que parecia deverem reinar a alegria e a animação até altas horas da madrugada, pouco depois da meia noite estava immerso em funda escuridão e nos seus amplos corredores e não menos vastos salões não se via viv' alma.

Dir-se-hia estar deshabitado.

Que queria, porém, dizer aquillo? Seria o palacio frequentado por phantasma?

Do cubiculo do poiteiro sahia um vulto que se encaminhou lento e cautelosamente para o portão principal. Depois, deslizando ao longo das paredes, foi officiar-se de que todas as portas de sahida estavam bem fechadas, voltando em seguida ao ponto d'onde tinha partido.

Um raió de luz que sobre elle incidiu quando se aproximou do portão principal pôz em destaque, embora apenas por certos momentos, as feições energicas de Sherlock Holmes, e quem estivesse perto d'elle poderia tel o ouvido murmurar, muito baixinho:

— Com os diabos, onde se teija mettido Harry? Ser-me-hia da maior utilidade n'esta conjunctura e poderia prestar-me grandes servicos. Tudo se ha de arranjar, mas tenho pena de que aqui não esteja, tanto mais que me é preciso vigiar portas, para evitar uma fuga.

Com certeza que o secretario está no palacio.

Subindo a monumental escadaria de marmoreous leva ao primeiro andar, o criminalista pensava:

— Assim, s'ósnho, tenho de redobrar de precauções.

Sabiu ao segundo andar. Que differença entre aquelle e o primeiro!

Ao passo que n'este se estatavam um luxo princi-pesco e todo moderno, n'aquelle tudo cheirava a valharia Corredores estreitos e cortados aqui e ali por escadãs de dois ou tres degraus revelavam uma construcção mais que secular.

Fixava n'esse andar o quarto do secretario particular, Swintpainter, que tão mysteriosamente tinha desaparecido. Por ordem do criminalista, esse quarto fôra fechado e a chave fôra-lhe entregue e estava em seu poder.

Cautelosamente, a passos furtivos, dirigiu-se para ali. Metteu a chave na fechadura, abriu e entrou. Tornou a fechar a porta e, á luz de sua lanterna de furta-fogo, procurou o commutador electrico. Deu-lhe volta. Uma onda de luz illuminou o aposento.

Junto da janella via-se uma secretaria antiga e a sobre ella uma commoda poltrona de largos braços.

Sherlock Holmes sentou-se poltrona. De subito teve um sobresalto. Os braços da na poltrona tinham-se

unido, prendendo-lhe o corpo, como que movidos por occulta mola.

Tinha caído n'uma emboscada. Attonito com o facto, o celebre criminalista comprehendeu n'um relance o que se passava, mas não perdeu o sangue frio e forcejou por se libertar. Talvez e cons-guísse, se de subito não surgisse na sua frente um homem.

Como no gabinete do lord se havia afastado mysteriosamente uma estante de livros, shi, um grande guarda-fato moveu-se um pouco, dando passagem ao desaparecido secretario.

Com voz sibillante e desdenhosa, Swintpainter exclamou:

— Foram satisfeitos os meus votos, sr. Holmes. Que lhe parece essa antiga poltrona, invenção dos nossos antepassados? Comoda, não é verdade? Foi um verdadeiro achado que fiz quando andava em procura de velhos afarrabios para satisfazer a mania do tanto lord. A's vezes essas manias tem o seu quê de bom, como no caso presente. Encanado será dizer lhe que a comprei immediatamente e a mandei collocar aqui. Mas estava muito longe de suppôr, então, que teria de me utilizar d'ella para pregar uma bella partida ao celebre policia amador, ao genial Sherlock Holmes.

— Não se incomode, sr. Holmes. Pôde acreditar que não conseguirá libertar-se d'esse carinhoso abraço sem conhecer bem, como eu conheço, a mola secreta.

Não ligando attenção áquellas palavras, o criminalista redobrava de esforços para se libertar.

Tinha quasi a certeza de que conseguiria o que queria e realmente assim succederia se o bandido de repente não corresse para elle e lhe não tapasse a cabeça com um panno que tirou de cima de uma pequena mesa.

— Ah, não se fará tudo com a facilidade que eu suppunha!

E o bandido tirou d'uma das gavetas da secretaria um novello de corda, com que começou a amarrar as pernas do criminalista.

Em seguida, impelliu n'um determinado sentido as costas da poltrona, fazendo assim com que os braços se abrissem e o corpo de Sherlock Holmes ficasse livre da pressão que o constrangia.

Holmes levou immediatamente as mãos ao panno que lhe cobria a cabeça, para o arrancar, mas não pôde conseguir o seu intento, porque o bandido se

arrojou sobre elle, amarrando-lhe tambem as mãos, apesar da sua resistencia.

— Meu caro amigo, espere um pouco, que já lhe tiro o trapo. E não me diz nada? continuem em vos zombeteira. Digou-se vir visitar o meu quarto, heio-como a maior delicadeza e cala-se? Julga-me porventura descortez?

— Fale socegado, como o escutarei perante alguns minutos. E' a ultima vez que nos vêmos e nos falamos.

E, juntando a acção ás palavras, o bandido tirou o panno que cobria a cabeça do criminalista.

Este conservava-se, como sempre lhe succedera em analogas circumstancias, impassivel e sem perder a sua habitual flegma.

Molindo o bandido com um olhar desdenhoso, disse, accentando bem as palavras:

— Sei, Norik Fielertown, ou como quer que se chama, que cabi nas suas mãos. Ha n'aíto que mereço um severo castigo e esperava reduzio- hoje á impotencia. Perdi a partida. Se alguma coisa me consola é a certeza de que não poderá sair do palacio sem ser preso. Os esconderijos que aqui ha serão descobertos quando fôrem conhecidos os novos crimes que vase commetter.

Tarde ou cedo, os crimes são expiados pelos que os commettem.

No rosto do terrivel Fielertown desenhava-se uma expressão diabolica.

— Muito bem, muito bem! Mandou então cercar o palacio e julga ter-me seguro? Pois vou fazer lhe uma contalia. Julgava-o até agora um homem intelligente e considerava-o um antagonista perigoso; vejo, porém, que é um grande estúpido, que a ninguem deve metter medo.

— Ah!

— Sim, um estúpido. Toda a gente apraga o genio de Sherlock Holmes, mas, afinal, enganam-se.

— Porque?

— Pois é lá possível que um homem intelligente creia iniciar um criminoso attuto, como se me prezou de ser, impingindo-lhe as velhas historias de palacios cercados e ter de expiar os crimes commettidos.

— Olhe, meu caro mestre, isso é bom para papalvos. E' velha escola, que já não mette medo a ninguem.

E, cada vez mais zombeteiro:

— Tenho pena de que á seons que vou passar-se não assistam testemunhas, para virem a limpeza com que Norik Fielertown se vai desmarrar do seu perseguidor e inimigo.

— Ainda o não está e talvez os papais se invertam!

— Ora adeus! Tenho tanto a certeza do que ahi

mo como a certeza de que é hoje o seu ultimo dia de vida.

—Talvez se enganei!

—Não engano, não. Repito-lhe: é hoje a ultima vez que nos vemos e nos falamos.

—Faria eu creio que ainda não havemos de encontrar e que serci eu quem então assim falára.

—Suave illusão, que só a morte desfaz. Não quero, porém, precipitar os acontecimentos.

«Vae vêr o que vou fazer e depois me dirá que tal lhe parece o meu trabalho».

Soltou uma gargalhada.

—Ria, ria, Fildestown! Olhe, não se transforme o seu riso em lagrimas.

—Tal não succederá, affirmo-lhe.

Colocando-se por detrás da poltrona, sacudia-o com violencia, fazendo assim com que o criminalista rolas-se para o chão.

Agarrando-o depois pelo pescoço, arremegou-o para o meio do quarto.

Dirigindo-se em seguida a um pequeno armario, começou a tirar d'ahi diferentes objectos.

Sherlock Holmes, que não o perdia de vista, viu, aterrado, o que o patife se dispunha a fazer.

Viu o tirar polvora, uma vela e enxofre, collocar aquella sobre a secretaria e começar a preparar rastilhos em varios pontos.

Fieldertown reparou em que Holmes examinava os preparativos que elle fazia e exclamou desenhossadamente:

—Admirá-se do que estou fazendo, não? Sou ho homem casteloso. Suppõe que via direitinho para o céu, acompanhado pelo velho tanto de lord Melbourne? Fedia, realmente, assim proceder, simplifcando as coisas. Mas quero cuidar d'algumas particularidades, dando-lhe ainda uma pequena alegria. Accenderei a vela, que levará duas horas a arder e que, ao extinguir-se, communicará fogo aos rastilhos. Terá, assim, muito tempo para se preparar para bem morrer. E ainda tem muito melhor do que a que merecia, maldito espíto!

—Proferidas estas palavras, desapareceu, depois de seo neder a vela e de novo tapar a cabeça do criminalista.

Sherlock Holmes estava immovel no chão, amarrado de pés e mãos, sem poder soltar um grito, sem poder fazer um gesto.

E em cima da secretaria, no meio da polvora, a vela ardia.

Teria soado a ultima hora do celebre policia?

Iria morrer assim, ingloriamente, aquelle que fazia tremer os mais audaciosos criminosos?

## CAPITULO V

### O assassinio do lord

Os transeuntes agglomeravam-se em frente d'uns cartazes affixados n'uma das ruas de Londres. Devia ser acontecimento de sensação o que assim excitava a curiosidade publica.

Efectivamente, o cartaz era sensacional. Rezava assim:

**O alto governo de Sua Magestade louvará e dará duzentas libras a quem denunciar e auctor das cartas de ameaça que foram dirigidas a alguns lords d'esta pacifica cidade de Londres, com o fim de lhes extorquir dinheiro. O que se confessar auctor de taes cartas terá a benevolencia de Sua Magestade e não soffrerá castigo algum. Não obterá, porém, a recompensa prometida.**

Dado no anno de 19...

O lord mayor de Londres.

Os que se agglomeravam a lel-o interpretavam-no de diferentes maneiras.

E as discussões eram apaixonadas.

Alguns censuravam apaixonadamente os malvados que ousavam ameaçar pessoas de bem, outros sorriam e commentavam a passagem em que se convidava os criminosos a denunciarem-se.

O que era certo e innegavel é que os bandidos haviam encontrado um novo processo de arranjar dinheiro.

E sem risco.

—Por minha alma, dizia um cavalheiro elegantemente vestido aos companheiros que o rodeavam, os nossos bons amigos de Scotland Yard não passam de toupeiras. Ha semanas que reina o panico entre a aristocracia de Londres, fugindo uns para fóra da cidade, tendo outros de acceder ás exigencias que lhes são feitas, e a policia nada descobre. Meu pae recebeu uma linda carta, não haja duvida.

—Tambem meu pae recebeu uma carta de ameaça, exclamou outro.

—Na dirigida a meu pae retorquiu o que primeiro fallára, avisou no de que morrerá se não enviar a determinado sitio a quantia de mil libras e se ousar reclamar o auxilio da policia.

—E o que fez elle?

—Antes de interpellado poder responder, um terceiro disse:

—Comica perguntal Que ha de fazer lord Melbourne, senão mandar o dinheiro para o lugar indicado?

—Está bem de vêr!

—Parece-lhe isso? perguntou o primeiro, que era o filho de lord Melbourne, a quem se fez já uma ligeira referencia n'um dos anteriores capitulos. Pensa então que os Melbourne, a cuja familia tenho a honra de pertencer, são poltrões?

O que, fizesa a observação, o joven lord Paddington, preparava-se para retorquir, quando outro sahio:

—Lord Melbourne não entregou a quantia exigida e ainda vive? Isso vem demonstrar que as ameaças contidas nas cartas não passam de simples fanfaronadas.

Lord Paddington perguntou:

—Seu pae entregou as cartas á policia?

—Não lord Confiou-as a Sherlock Holmes.

—E nada se descobriu? E' extraordinario! commentou um outro do grupo. Esse homem, eximio na sua profissáo, trabalha habitualmente com rapidez e decido.

—Parece-me, meu caro Mackenzie, que a nossa policia não é tão má como a pinta, visto que esse proprio criminalista nada conseguiu ainda, e, em tal caso...

A conversa foi interrompida por um elegante joven, que, tendo se apurado de um automovel, correu para o joven Melbourne, dizendo-lhe sem preambulos:

—Ha muito tempo que devia estar em casa, Melbourne. Seu pae foi assassinado esta manhã e sua irmã desapareceu.

Melbourn cambaleou, tendo dois companheiros de ampararem para que elle não cahisse.

Todos os membros do grupo sentiram um estremeo de angustia.

Lord Paddington perguntou ao que tío de chofre viera trazer aquella terrivel noticia:

—E' verdade o que disse, Gloucester?

O interpellado não respondeu.

Approximára-se de Melbourne e, amparando-o, ajudava-o a entrar para o vehiculo que ali o trouxera e que immediatamente se pôz em marcha.

Depois, voltando-se para os circumstantes:

—Perguntou-me se era verdade, Paddington? Permittir-me-hia eu o gracejar com semelhante noticia? Infelizmente, ainda ha a acrecentar mais alguma coisa: soffremos uma perda maior, sim uma perda muito maior.

—O que foi, Gloucester? Aconteceu alguma coisa a alguns dos membros da sua familia? O seu rosto tem nua tal expressáo d'angustia!

—Tenho para isso razões de sobra. Mataram a noite passada o meu melhor amigo,

—Como! Guilherme foi assassinado?

—Guilherme? repetiu lord Gloucester. Guilherme é por ventura o meu melhor amigo? E' o meu companheiro de horas, nada mais.

—Quem foi então?

—Quem? Todos os que estão presentes sabem muito bem que ha cinco annos corri os maiores perigos, estando em risco de perder não só a vida, mas ainda a honra, e que n'essa occasião me valeu um unico homem.

—Quer então referir-se a Sherlock Holmes, Gloucester?

—Sim. O grande criminalista foi assassinado a noite passada.

• •

Voltemos á noite antecedente.

Pela rua High, em Whitehall, corria apodado um homem de grande corpulencia, atravessando os numerosos grupos que se formavam em todas as direcções. D'uma janella d'um rez-do-chão sahiam gritos torregens. De quando em quando distinguia-se tambem a letra d'uma canção e uma musica desafinada.

Das tabernas, numerosas n'aquelle bairro, sahia um cheiro nauseabundo de aguardente e tabaco ordinario.

A porta d'uma d'essas espeluncas abriu-se de subito, surgindo á entrada um maltrapilho, de fato esfarrapado, o qual de dois pulos se encontrou no meio da rua, seguido de outros que lhe dirigiam os mais insultos.

A porta fechou-se, recolhendo-se os que o perseguiram, e quando elle de novo, voltando atraz, quis entrar, ouviu correr no interior um ferrolho. A porta fóra fechada.

O homem de que acima falamos e que tinha presenciado toda aquella scena encaminhou-se para o que tinha sido expulso da taberna.

—Então, amigo, parece que lá dentro não querem a sua companhia. Porque teima em querer dar o seu dinheiro ao taberneiro? Ha mais tabernas onde se póde beber á vontade.

O interpellado fitou o que lhe falava com um olhar em que se lia a mais profunda embriaguez e, proferindo uma blasphemia, rodarguiu:

—Vá para o diabo e não se importe com a vida dos outros.

—Não seja tão escamado. Não gosto de me instrumentar na vida alheia, mas custou-me vê-lo maltratar. Queris convidal-o a ir beber conmigo um copo de brandy.

O bebedor, ao ouvir falar em beber, mudou de attitude.

—Ah! Não é deste bairro, não é verdade?

Antes que Fieldertown, pois era esse bandido quem lhe dirigia a palavra, pudesse dar uma resposta, o ebrio convulsava:

—Tem dinheiro?

Os olhos do bandido scintillaram. Respondeu em tom desdenhoso:

—Se tenho dinheiro! Julga que convidou um amigo para beber sem ter o sufficiente para pagar a despeza? Se tem juizo, venha d'ahi, pois dois ou tres copos de brandy não fazem mal.

O ebrio, de subito, n'um arranco, atirou-se contra Fieldertown, jogando-lhe soco atraz de soco. O bandido teria cahido se não fuisse tão resistente e não evitasse os golpes. Devido a essa resistencia e a o aggressor perdeu o equilibrio e rolou por terra.

Fieldertown saltou sobre elle e ajoelhou-se-lhe sobre o peito.

—Oh, não fizemos nenhuma aposta! Se pensavas que tinhas na tua frente um covarde enganaste te redondamente. Deixa punir a tua malvez com uma boa recompensa, mas como estou com pressa preciso por agora d'isso. Previno-te que se tentares fazer me mais alguma das tuas, te darei uma boa lição, meu bonifrate.

Fieldertown ergueu-se, dizendo, que se nada se tivesse passado entre elles:

—Agora, vamos beber um copo de brandy! Anda d'ahi.

O ebrio resmungou algumas palavras inintelligiveis, ergueu-se e encaminhou-se para a taberna mais proxima, dando subito a entender que por sua parte tambem considerava o caso liquidado.

Is a desaparecer no corredor que conduzia á sala da taberna, quando se sentiu puxado pela manga do casaco.

—Não beberás nada. Estou aqui apenas para espiar. Já aqui vim, mas, com a escuridão que está e que não nos deixa ver um palmo adiante do nariz, preciso d'um guia, que vas ser tu. Se tens vontade de beber, mais tarde satisfarás o teu desejo. Agora,

preciso andar com a maior rapidez. Não posso perder tempo.

E como o ebrio fizesse um movimento como que de recusa:

—Ficar-te hei reconhecido, caso o cão abra com rapidez, ao ouvir o signal combinado. Não devias ir ahí, pois n'esta taberna não entram pessoas desconhecidas.

Ao dizer isto, Fieldertown olhou cautelosamente para todos os lados e, murmurando algumas palavras em voz muito baixa, levou a mão direita á palmeira do olho esquerdo.

—Ao vêr tal signal, o ebrio pareceu ficar dominado, mas replicou em tom ainda um tanto ou quanto altivo:

—E' um dos nossos e não conhece o caminho? Quer fazer dos outros estupidos, ou imagina que me illude?

—Vá para o diabo.

E tentou afastar-se. Mas Fieldertown murmurou-lhe ao ouvido algumas palavras, que o fizeram dar um salto como se tivesse sido mordido por uma vibora. Inclinando-se em seguida, como se estivesse na frente do seu senhor, avançou, murmurando com voz tremula:

—Siga-me, não á longe.

E sahio para a rua, em companhia do bandido.

Momentos depois estavam em frente á uma tasca, em cuja porta de entrada se via uma taboleta que tinha pintado um grande cão.

—E' aqui, murmurou elle, voltando-se para o que o acompanhava e convidando-o a penetrar n'um lobrego corredor.

Dados ahí alguns passos, a retirar-se parecendo ter esquecido o convite que lhe fora dirigido para beber.

Não teve, porém, tempo de o fazer, porque Fieldertown, tirando um punhal do bolso, cravou-l'h'o no coração com o mais certeza.

O ferido cahiu, soltando apenas um ligeiro e fraco gemido.

Inclinando-se para o morto e arrastando-o para um lado do escuro corredor, o criminoso murmurou em guiza de oração fenebre:

—Viu-me sem mascara e, por isso, tinha de desaparecer. Á terra te seja leve.

E o sinistro bandido soltou uma pequena gargalhada de zombaria.

Enquanto este drama se consummava no corredor que dava ingresso á tasca, no interior passava se uma scena não menos digna de registro.

Abançados a uma comprida mesa visam-se alguns

homens de physionomia patibular, jogando e falando em voz alta.

De todos os que ali dentro se encontravam o mais ascososo, sem duvida, era o taberneiro. Parecia um bull-dog sustentado por duas pernas. Tinha uma cara em tudo semelhante ao fecho de um cão. Nariz achado, labios separados por um bico de papagaio, olhar falso e dissimulado, corpo atarracado, completavam a semelhança.

Andava servindo os freguezes, vindo do balcão á mesa e d'ahi no balcão n'um constante vas-vou, fazendo comida e bebidas, sem parecer ouvir nada, sem responder sequer a um ou outro gracejo que lhe dirigiam.

O tom da conversação foi gradualmente diminuindo de intensidade, mas um observador attento não deixaria de notar que os animos estavam mais que excitados.

N'esse momento entraram na taberna mais freguezes, que ficaram em pé junto do balcão, que corria ao longo da parede da vasta sala. Mostravam-se todos mais ou menos inquietos, escutando attentamente o que se dizia em volta da mesa a que fizemos referencia.

Ao que parecia, um homem alto, espadado, de notando possuir forca pouco vulgar, era o chefe do grupo.

Esse individuo dizia em tom resolutivo:

—Será mais facil Old Tom esfolar-me vivo do que eu continuar a servir como até aqui tenho feito. Não quero, e estou no meu pleno direito de assim proceder.

E, animando-se:

—Qual de nós será tão louco que o faça? Que ganhámos nós desde que nos acham s debaixo das ordens d'esse individuo que occulta o rosto com uma mascara? Que parte tiramos nos famosos roubos que tanto temo alarmado a cidade? Quem foi que teve a parte do leão? Elle, e só elle, a quem nenhum de nós conhece, que nos trata como cães e que gasta á larga, á nossa custa.

—Estás doido, Tom Spratley, observou um dos circunstantes. Que eramos nós antes de estarmos dos suas ordens? Que quadrilha de miseraveis gatinhos, ladres de occasião, saltadores de rua, tristes burifes, havendo apenas um ou outro mais usado, que obtinhamos quando legavamoos praticar algum feito mais importante? Eravamo nós que tinhamos a parte do leão, ou os nossos buns amigos, os receptadores?

Lançando um olhar significativo ao estalajadeiro, continuou:

—Qual de nós pensaria na possibilidade de fazer colheita nos palacios dos ricos, providos de tolos os

meios de defeza? Se algum nos viesse aconselhar a isso, tel-o-hiamos mandado para o diabo, teriamos dado uma gargalhada.

—Appareceu, porém, o chefe, falou-nos n'esse como n'uma coisa facilissima e o certo é que temos trabalhado com a maior limpeza e sem a menor difficuldade. Sabem perfeitamente como elle tudo ordena, como dirige tudo, sem deixar de attender á mais pequena circumstancia.

—Sim, defendes aquelle que nos manda, porque lhe pertencem de alma e corpo, atalhou Tom Spratley. Estás no teu papel.

O que tinha falado redarguiu:

—Supponhamos que é assim. Que tem que dizer? Concorde em que fuisse elle quem ficou com a parte do leão, mas, apesar d'isso, não estamos melhor do que d'ant's? E' elle quem se encarrega de vender os objectos roubados e nós não temos nem trabalho nem riscos, recebendo a nossa parte em dinheiro da contada. Querem melhor do que isto? Respondam falem.

Alguns dos circunstantes fizeram um gesto de approvação.

Tom Spratley replicou:

—Gehenkter, éis tu, com certeza, o espiao que pões o chefe ao facto de tudo o que aqui se diz e se passa.

E, soltando uma imprecação em que se rev-lava o odio, um odio feroz, arremegou-se contra o suspeito espiao.

O taberneiro, porém, empunhando duas garrafas, clamou em tom mais parecido com o rosnar d'um cão do que com a voz de um homem:

—Se não estão quietos, atiro lhes com estas garrafas á cabeça e depois só do chilo é que podero beber o que ellas contem.

—Não quero aqui chibirin.

—Ouçam o que o cão diz, exclamou Tom Spratley, designando assim o taberneiro, que era conhecido por aquella aloncha. Desde que o mascarado começara a dirigir a nossa sociedade, esse maldito espiao reja-se-lhe aos pés.

E, sem mais se importar com Gehenkter, voltou-se para os companheiros.

—Se quizerem ser um rebanho de ovelhas e comer pela mão do mascarado fiquem. Eu é que não fico e quem o quizer, que me siga. D'antes eramos independentes. Tornaremos a sel-o, se assim o quizermos e eu quero o.

Taes palavras calaram no animo de alguns, que bradaram:

—Tom tom razão. Trabalhemos só para nós e o que alcançarmos será só nosso, não tendo de o dividir com ninguém.



—Eu vou.  
—Eu também.  
—Vámos todos, exclamaram um por um.  
Mas de súbito uma voz trovejante se ouviu:  
—Quem é que se atreve a sair d'aqui sem minha licença?

O effeito d'estas palavras foi fulminante. Todos os presentes se voltaram para o sitio d'onde a voz tinha partido.

Em pé, junto do balcão, estava um homem de elevada estatura, com o rosto occulto por uma máscara, os braços cruzados sobre o peito, immovel como uma estatua.

O mascarado avançou alguns passos, ficando em frente dos que tinham mostrado velleidades de revolta.

—Quem é que sae d'aqui sem minha licença? repetiu elle com a mesma voz trovejante.

O effeito d'essa voz fez-se sentir immediatamente sobre os que alli estavam. Todos ficaram silenciosos, não se atrevendo nemhã a dar resposta.

Só Tom Spratley, avançando, se inclinou deante do mascarado e disse:

—Se m'permite, eu, Tom Spratley, quero ser livre e não quero continuar a servir sob as ordens d'um desconhecido. Expuz os companheiros as minhas razões, pareceram-lhe convenientes. Mas são cões que rosnam só de longe e que se calam logo que avistam o dono.

Tom Spratley falava depressa e com animação, avançando alguns passos.

Um facto inesperado se deu.  
Os braços do mascarado abriram-se, o direito teve um pequeno movimento, refulgiu um punhal e antes que algum tivesse tempo de se interpôr, Tom Spratley caia, attingido em pleno peito por uma violenta punhalada.

Colado por terra e jorrando abundante sangue do mortal ferimento, o infeliz saltou um grito de agonia.

—E' o primeiro. Qual de vósde deseja ainda sahir? perguntou de novo o mascarado com voz baixa e sinistra.

Seguiu-se um silencio sepulchral durante alguns minutos. Todos se entreolhavam attonitos, contemplando o que tinha sido ferido.

—Vamos o cadaver d'esse desobediente e apressem-se, que lord Melbourne festeja esta noite as esposas de sua filha. O taberneiro lhes indicará o momento em que devem estar no logar já por mim indicado.

Depois de proferir estas palavras e não mais se importara com os que alli estavam, fez um signal so

taberneiro que o acompanhou a uma pequena sala cônica.

—Tiveste alguma resposta? Chegará aqui esta noite uma senhora, para quem preparará o melhor quarto. Nades disfarçar-se ha em padre e os raaeses queir-te-hão ao sitio determinado. Irão para lá pelo corredor subterraneo, devendo ficar na escada secreta á minha espera.

Torno-te responsavel pelo cumprimento das minhas ordens. Trata se d'uma praza importante. Foram expeditas mais as quatro cartas que te mandei?

O mascarado proferiu estas palavras em tom autoritario. O taberneiro inclinou-se e respondeu com humildade:

—O plano está observado á risca, as cartas foram entregues, mas parece que não estão muito dispostos a cahir com o dinheiro. O tal Melbourne tem mostrado não temer as ameaças e se nada lhe succeder os outros cobrarão animo e nada darão. E' preciso dar um exemplo.

—Assseguro-te que amanhã já ninguém se rirá das minhas ameaças.

E ordenou:  
—Pro-ura-me um guia, porque não vejo bem com esta escuridão.

O taberneiro desapareceu, voltando d'ahi a momentos acompanhado por um dos membros da quadrilha. O mascarado, Norik Fieldertown, como os leitores adivinharam, sahia da taberna.

## CAPITULO VI

### Harry Taxon em scena

Emquanto Sherlock Holmes se dirigia, como vimos para o palacio Melbourne, o seu ajudante tratava de desempenhar um servico de que, semanas antes, o mestre o incumbira.

Morôz dos seus esforços e do seu animo que nunca fraquejava mesmo nos insuccessos, lograra fazer uma descoberta importantissima.

N'uma das ruas mais importantes de Londres, Harry descobrira um consultorio dentario indicado por uma tableta que occupava metade de um primeiro andar. O dentista, de nome Dringsdale, conseguira tornar-se conhecido e arranjar uma boa clientela entre as senhoras da alta aristocracia, podendo assim viver á larga.

Os clientes que cahiam nas mãos eram obrigados a pagar contas exorbitantes. Entre os explorados figurava Harry Taxon, que conseguira obter certos pormenores acerca do dentista, que muito e interessam

e que o levaram a convencer-se de que elle fazia parte da quadrilha que ultimamente aterrava Londres com as suas proezas.

Harry podia saber que o dentista se entregava a experiencias hypnoticas sobre os doentes. Constatou, após innumeras consciencias, que em todos os palacios onde se tinham dado roubos havia senhores, clientes de Dringsdale.

Nunca mais o perdeu de vista, seguindo-o sempre quando elle sahia, chegando á conclusao de que o dentista desempenhava um papel duplo. Só sahia de noite, dirigindo-se sempre para os bairros onde dominava o badolairismo. De noite, tambem, recebia visitas suspeitas.

Harry, convencido de que o dentista era um dos membros da quadrilha, resolveu entrar lhe em casa, logo que se lhe proporcionasse occasião, a fim de vér se fazia alguma descoberta importante.

Tal occasião só se lhe offereceria quando o dentista sahisse de casa. E Harry tinha de esperar ainda que o creado sahisse tambem.

Por baixo do consultorio dentario havia uma farmacia e contigua, uma drogaria.

No momento em que falamos, n'uma das dependencias d'esta ultima dois rapazes estavam empregados em fabricar materias explosivas, fabrico que, como se sabe, é prohibido por lei e a que só se pôde prosceder fóra da cidade.

Se o patrão apparecesse agora e nos surpreendesse, dar-nos-hia uma reprimenda mestra, disse um dos rapazes, ao mesmo tempo que batia a mistura que tinha no almofariz.

—Ora adeus, não se atreveria a dizer-nos nada, respondem o outro rindo. Depois de nos lavarmos com theberentina, nada fica que mostre o que estivemos a fazer. De resto, é por ordem do gerente que aqui estamos.

—E' verdade. Tenho vontade de fumar, mas agora não posso, porque tenho medo d'alguma explosão.

Emquanto os dois assim conversavam, Harry Taxon subira ao primeiro andar. Vira sahir o dentista e, quasi logo após este, o creado. Julgou a occasião apropriada para o que tencionava fazer. Subira a esca da com rapidez e ao chegar á porta do dentista abriu-a com o auxilio d'uma gazeta.

Entrou.

Uma vez dentro de casa, percorreu-a, indo finalmente ao quarto de cama de Dringsdale, onde viu uma secretaria, que lhe pareceo dever conter o que procurava com tanto ardor.

Servindo-se d'um dos multiplos instrumentos de que andava sempre munido, abriu-a com a maior facilidade e acabava de encontrar provas evidentes da culpabilidade do dentista, quando de súbito uma voz soou vindo do lado da porta.

—Então, sr. Harry Taxon, deu no vinte?

Harry como que impellido por uma mola, voltou-se ao ouvir taes palavras. Reconou, assembrado, ao vér o dentista, que o fitava com um olhar desdenhoso e insolente.

—Então, meu rapaz, embuchaste? Porque? Cuidava, patife, que eu não havia notado a tua espionagem e que não sabia que és ajudante de Sherlock Holmes?

E em tom ameaçador, ao vér que Harry levava a mão ao bolso:

—Não mettas ahí a mão. Deixa-te de tiros que para nada servem e que quero evitar. Julgavas então que me apunhavas de surpresa que entrarias livremente aqui, na minha casa? Não pensavas que eu voltasse tão depressa, hein?

Sim, sim, meu amigo, a gente tem sempre que aprender, mesmo quando se trata de ajudantes de Sherlock Holmes. E' o que no caso presente succede.

Harry tentou aproveitar aquelle momento para se escospar, mas Dringsdale agarrou-se a elle e arremessou-o brutalmente ao chão.

—Imaginava, patife, que a fuga seria facil? Enganas-te. A tua vida de espiao vas acabar e irás para o outro mundo sem grande barulho. E vamos tratar d'isso sem demora. E' menos um espiao que fica.

E o dentista, tirando uma delgada corda de um dos bolsos, apertou a em volta do pescoço do desventurado Harry e começou a puxar lentamente.

Harry resistia com quantas forças tinha, mas nada podia contra o colosso que o dominava.

Os olhos sahiam lhe das orbitas, a bocca abria-se lhe desmedidamente, as faces começavam a tomar uma cor arrozeada.

Os signaes de asphyxia eram já visiveis e parecia evidente que coisa alguma poderia salvar Harry Taxon, o joven e intelligente ajudante de Sherlock Holmes.

## CAPITULO VII

## Entre Scylla e Carybdes

Decorreu uma hora.

Debalde Sherlock Holmes pensara em se libertar da terrível situação em que se encontrava. Tinha sido amarrado com tal pericia que impossible lhe era fazer o menor movimento. O panno que lhe envolvia a cabeça quasi o asphyxiava.

A vela continuava a arder, aproximando-se a chamma mais e mais da polvora.

O criminalista perdora já toda a esperança de salvação. As proprias ordens que dera aos creados voltavam-se agora contra elle. Quem lhe poderia acudir, quem suspitaria de que elle se encontrava ali amarrado, impotente para fazer um gesto, a dois passos da morte?

Animoso, até na ultima extremidade, preparava-se para bem morrer. Pareceu-lhe de subito ouvir o chiehar no corredor secreto por onde Fieldertown tinha desaparecido.

Aplicando o ouvido, convenceu-se de que al proximo havia gente. Diligenciou de novo libertar-se dos laços que o manietavam, mas debalde. Não restava duvida de que o bandido Fieldertown era emérito na arte de amarrar alguém, porque, quantos mais esforços o criminalista fazia, mais dolorosos se lhe tornavam os soffrimentos causados pelas cordas.

Efectivamente o criminalista não se enganara.

No corredor secreto, que communicava com o gabinete do lord, e que tinha sabida por uma grejra proxima, por onde os bandidos tinham entrado, os subordinados de Fieldertown esperavam que passasse a hora marcada para entrarem no quarto do secretario particular do lord.

Eram so todo oito homens, a quadrilha completa, que lhes causou admiração, porque, até ahí, o chefe nunca fôra auxiliado em effluas semelhantes por mais de dois ou tres dos seus.

E a admiração causada por tal facto accrescia ainda uma circumstancia que infundia verdadeiro respeito ao chefe da quadrilha, se d'ella tivessem conhecido. O taberneiro tornára-se seu inimigo mortal havia pouco mais d'uma hora.

Como?

D'um modo simples de contar. Ao sahir da taberna, Fieldertown ordenára ao taberneiro que fosse receber o cadáver d'um maltrapilho que estava no lobrego corredor, maltrapilho a quem elle dera a morte por se lhe torar incomodado. Dissera aquillo com a maior indifferença, pois para elle nenhum valor tinha a vida

humana e as suas victimas tinham sido innumeradas.

Que lhe importava mais um maltrapilho?

O taberneiro apossára-se a obedecer. Mas ao vêr a victima á luz da lanterna com que se aluminaava, soltára um grito de horror e de raiva. O assassinado era seu pae. Tudo quanto na sua alma de vil scelerado havia ainda de sentimento revoltou-se.

Levou o cadáver para um alpendre que ficava nas trazeiras da taberna, mas fez o juramento de tirar sollemne vingança.

Se Fieldertown tivesse ouvido esse juramento, ter-se-hia acutelado. Estava, porém, longe de suppr tal coisa. E de mais a mais tinha formado o plano de se desambarçar de uma vez para sempre de toda a quadrilha.

Fôra para isso que ali mandára reunir todos os fiados.

Os minutos decorriam como que a porta se abrisse. Os scelerados estavam impacientes. Um d'elles disse de repente:

—Diabos me levem se eu fico aqui mais tempo á espera d'essa maldita ratazana. Por força que imagine que está a tratar com creanças e não com homens como nós somos.

Um longo murmurio de approvação acollheu aquellas palavras.

Os escravos revoltavam-se.

O taberneiro, esse não fallava, procedia. Tactou a parede e encontrou o machinismo, que pôz em movimento, carregado com toda a força sobre elle.

Um pedaco da parede afastou-se, deixando a descoberto o guarda fto que se via no quarto de Swintpainter.

Os companheiros olharam, admirados. Entraram no quarto. Fern-lhes immediatamente a vista o vulto caído no chão, a vela ardoendo no meio d'um monte de polvora.

—Comprehendem o que o chefe quiz fazer? perguntou o taberneiro com um sorriso hediondo, que mais se assemelhava a um careta.

—Não é difficil de comprehender, replicou um dos bandidos. E' claro como agua que tem qualquer plano importante e que quer colher sózinho todos os beneficios. Trazeu-nos aqui e mandou-nos esperar, com o fim de nos fazer ir pelos ares.

«Preparou-nos uma armadilha. Tom Spratley tinha razão. Cã pela minha parte, pôde contar com a minha boa vontade. Se o apanho, esgano-o.

—Apaguem primeiro a vela, ordenou, autoritario, o taberneiro.

E voltando-se para o que fallára:

—Vejo que estãis decidido a vingar-te, Roter. Que-res juntar-te a commigo?

—Comigo? Pois se tu lhe és dedicado como um

cão! Naturalmente é para nos atraqueiros que assim falas e conheceres as nossas intenções. N'essa não caio eu, meu menino.

—A' fi de quem sou, que não! Juro o pela minha honra de bandido que eu auxiliarei em tudo e que não desoançarei enquanto não tirarmos sollemne vingança d'esse patife que nos queria matar assim tão covardemente.

«Vamos agora vêr quem é que está ahí estendido no meio do chão.

Curvou-se sobre o criminalista e tirou o panno que lhe envolvia a cabeça.

Mas ergueu-se immediatamente, soltando uma exclamação de asombro:

—Sherlock Holmes! Não me enganarão os meus olhos?

E para o criminalista:

—Como veiu aqui parar, sr. Holmes? Ter nos-hia-nos nós enganado e seria para matar-o e não a nós que elle teria disposto assim as coisas?

—Ora, adens, disse Roter, se elle quizesse só desfazer-se de Sherlock Holmes, tendo o assim á sua disposição, sem se poder defender, com uma punhalada tudo estava liquidado. Queria desfazer-se d'elle e ao mesmo tempo de nós.

—Tens razão, não tinha pensado ainda bem.

Dirigindo-se aos companheiros:

—Levem no chão a vela para casa, que é uma boa preza que fazemos.

—E tu? perguntou um dos bandidos.

—Tenho aqui que fazer. Vão. E' ainda tempo para aproveitarmos o plano que o chefe tinha idealo. Vósdes vão vêr que lindo *pruto* em lhe sirvo, a esse grande patife.

O criminalista fto de novo amarrado e conduzido para o corredor secreto.

Correndo á porta, por onde os companheiros tinham sabido, o taberneiro fechou a com cuidado. Depois dirigiu-se á secretaria, que abria. O que ali viu fto exclamar:

—Tem de morrer, por força!

Dirigiu-se para a escada secreta, desceu a, encontrou uma alavanca, que fez girar. Encontrou-se no quarto de cama de lord Melbourn. Recosou aterra o no vêr que o ancão jazia no pavimento banhado em sangue, que lhe jorrava d'uma larga ferida na carotida feita por afiado punhal.

O taberneiro adivinhou todos os segredos do mascarado.

Norik Fieldertown, depois de se ter evadido do carro cellular, tivera artes para se insinuar no animo

de lord Melbourn e se fazer admitir como seu secretario particular.

O seu espirito irrequieto e propenso ao mal não se dava, porém, bem com aquella situação que tantos e tantos outros invejariam. De combinação com outro temível facinora urdira um plano diabolico. Disfarçado e sempre mascarado era o chefe d'uma quadrilha (ou já vimos, enquanto o seu cumplice se apresentava como medico afamado e archimilionario australiano, o dr. Quagrilas).

O rico australiano conseguira ser recebido nos salões da melhor sociedade londrina, podendo assim conhecer pormenores dos palacios que tencionavam assaltar.

Um dos processos empregados pelos bandidos era o das cartas acesagadoras. O unico a conhecer esse segredo era o taberneiro. Nenhum outro membro da quadrilha o sabia.

Dringdale, o thesoureiro da sociedade, julgava ser o chefe e dominar Fieldertown, mas enganara-se profundamente, como todos os que com o temível bandido estavam em relações.

Era elle que convertia os companheiros em seus docois instrumentos e depois, quando já não necessitava d'elles, os aniquilava.

Julgava ter attingido o alvo que se propuzera e planejara fechar a serie dos seus crimes, raptando e cassando com a filha do lord, que, destinada por seu pae a um outro com quem não sympathisava, dera ouvido ás terras palavras de amor que lhe murmurara o secretario Swintpainter e com elle combinára fugir na propria noite em que seriam annunciados os seus esponsaes.

O plano era arrojado e ao mesmo tempo grandioso. Seria a propria casa do lord que sepultaria sob os seus escombros os membros inferiores da quadrilha. Quanto aos outros cumplices, o bandido mais tarde veria o que se devia fazer.

Fieldertown, como sabemos, ordenára ao taberneiro que preparasse o melhor quarto que tinha para alojar uma senhora. Seria ahí que um antigo sacerdote, que passára algum tempo n'uma penitenciaría e mais tarde se tornára assiduo frequentador de White-chapel, celebraria o casamento.

Enquanto a comedia se representaria, os outros iriam pelos ares.

Voltemos ao palacio Melbourn.

O taberneiro, depois de verifiar a morte do lord, voltou ao aposento do secretario particular, que estava assente, como sabemos, acendeu de novo a vela e desapareceu, apagando todos os vestigios da sua passagem.

Nô velho solar manifestou-se d'ahi a momentos um

violeto incendio, que destruiu por completo o edificio. Os credos, acordados em sobreviver, só puderam salvar-se fugindo sem terem sequer tempo para se vestirem.

Quando os bombeiros acudiram fizeram uma descoberta terrível: o dono do palacio estava morto. E verificou-se que tinha sido apunhalado antes de se declarar o incendio.

Por tal motivo, foram chamados os agentes de Scotland Yard, que, procedendo a indagações e investigações, souberam pela crealagem que Sherlock Holmes ficára n'essa noite no palacio.

Como o genial criminalista não apparecia, suppoz-se que tinha sido ou assassinado pelos bandidos que haviam matado o velho lord, ou victimado pelo incendio.

Enganavam-se, porém.

## CAPITULO VIII

### Salvamento miraculoso

Harry Taxon estava quasi morto. Dringsdale não cessava de apertar a corda que cingia o pescoço do joven, o qual poucos momentos mais poderia resistir a tal pressão.

De subito ouviu-se uma tremenda detonação, o predio foi abalado até aos alicerces, as janellas arrancadas dos goncos e projectadas para a rua, como que impelidas por uma força sobrenatural. O tecto do apartamento arrazia largas fendas, ameaçando sepultar sob as suas ruínas os dois antagonistas.

As portas foram arrancadas, os moveis voaram despedaçados e pouco depois era um montão infame de destroços apenas o que se via n'aquelle luxuoso quarto de cama.

Dois vãos das janellas irromperam jactos de fogo, de mistura com vapores asphyxiantes.

Harry Taxon e Dringsdale jaziam estendidos sem movimento, um ao lado do outro, pallidos como dois cadaveres.

Quasi á mesma hora em que o palacio Melbourne era deverado por um incendio, n'um bairro diferente os bombeiros tinham que entrar em acção. Uma explosão se dera n'uma drogaria, que ficára destruida.

Os valerosos bombeiros procuravam em affan entre os escombros os cadaveres dos dois empregados que tinham originado o sinistro e que haviam sido victimas da sua imprevidencia.

No primeiro andar foram descobertos os corpos de Harry e do dentista e salvos das chammas. Collocos

dos um a par do outro n'um carro de ambulancia, esta pôz-se immediatamente a caminho do mais proximo posto de policia.

Ao chegar proximo d'aali, com grande espanto dos guardas e dentista ergueu-se, elheu em torso e, cobrando animo e recuperando a memoria, comprehendeu o que se passára. Voltando-se para os guardas, exclamou:

—Perdi os sentidos e trouxe-ram para aqui Julgavam que eu estava morto, não é verdade? Mas, como vêem, estou bom e, portanto, permittem-me que vá a minha casa vêr se consigo salvar alguns objectos de valor que lá tenho.

Sem dar tempo sequer a que lhe respondessem, pediu aos agentes que levavam a maça que voltassem para traz.

N'esse momento, Harry, voltando tambem a si, perguntou:

—Que ha? Que foi que aconteceu?

Mas ao vêr-se nas mãos do dentista, que o olhava espantado, o joven ajudante de Sherlock Holmes de um pulo saltou para a rua e deitou a correr como se o perseguissem uma legião de demónios.

Parecia ter azas nos pés.

Chegou ofegante a Scotland Yard e dirigiu-se immediatamente ao gabinete do inspector que estava de serviço.

Contou com todos os pormenores o que se passára em casa de Dringsdale, as suas suspeitas, a tentativa de estrangulamento, sem omitir a minima particularidade.

—Tem a certeza do que avança, sr. Taxon? perguntou-lhe o inspector, depois de o ouvir. Note que o dentista é pessoa altamente cotada e seria desastroso dar-se um engano d'esses B-m sabe que.

Harry atalhou com a maior animação:

—Quero que me cortem o pescoço se dentro d'uma hora aqui não voltar com as provas do que acabei de dizer e vosmos então se se atreve a daviar das minhas palavras. E' um dos auctores dos roubos e arrombamentos mysteriosos que tanto nos tem preoccupado. Tenho provas, já lhe disse.

O inspector ordenou a alguns agentes que se dirigissem ao local do incendio e capturassem o afamado dentista.

No entanto, este voltára para traz, mas não conseguira atravessar a compacta multi-tão que se reunira em frente de sua casa.

Ao notar os esforços que elle fazia para afastar os grupos, um agente uniformado que falava com dois individuos á paizana dirigiu-se-lhe, perguntando-lhe bruscamente:

—E' o sr. Dringsdale?

—Sim e desejo entrar em minha casa, a fim de vêr se salvo alguns documentos de valor.

Um dos que falava com o agente interveiu:

—E-tá preso em nome da lei, accusado de tentativa de assassinio e de outros crimes ainda mais graves do que esse.

Dringsdale ficou durante um momento succumbido. De subito, porém, dando uma panada violenta no estomago de captor, que cahiu com o inesperado ataque, correu para sua casa, procurando outra entrada. Com seguia penetrar no vestibulo, mas n'esse momento desabou com enorme estrondo uma parede, soterrando-o nos escombros.

Acudindo rapidamente, pela segunda vez os bombeiros salvaram o factora, que foi conduzido a uma maça para o hospital mais proximo.

Os ferimentos, porém, que tinha recebido eram gravissimos. Os orgãos principaes tinham sido atingidos. Pouco tempo lhe restava de vida. Conhecendo que a morte se avizinhava, Dringsdale confessou tudo.

Harry soube assim que Sherlock Holmes corria perigo imminente. Como um louco, o joven dirigiu-se para o palacio Melbourne em procura do mestre querido e venerado.

## CAPITULO IX

### O «pico» australiano

Emquanto estas scenas se passavam, n'um sumptuoso palacio, residencia do dr. Quaggleles, estavam reunidos dois homens, em animada conversação, apesar de fallarem em voz baixa.

—Que dizes? Fieldertown atraição-me? perguntava o celebre medico.

A sua apparencia era a de um homem habituado a viver no meio da opulencia.

No olhar, em que transparecia uma expressão de indefinivel crueldade, via-se que aquelle homem perante coisa alguma recuaría para saciar os seus instinctos ferozes.

—Sim, atraição-te, respondeu o interpellado, homem baixo, de aspecto doentio e cujo rosto parecia o de uma funha.

—Provas, prova!

—Sabes o que elle está fazendo a esta hora?

—Sei. Deve ter roubado o palacio do velho lord Melbourne, depois de o assassinar.

—Nada mais?

—Porque fazes essa pergunta?

—E do rapto da filha, de lady Mauth, nada te disse?

—O quê, o quê? Fallaste n'um rapto?

—Fallei e repito: que te disse elle do rapto de lady Mauth?

—Nem em tal me fallou.

—Pudera! O que elle quer é enganar-os a todos vocês! Não conheces bem Norik Fieldertown Meu velho, aqui não é a Austrália (Os leitores de Londres julgam-se mais finos que os seus collegas, mas enganam-se).

—E a prova está em que elle não te conhece, a ti, meu antigo companheiro emquanto para mim não tem a vida d'elle segredos.

—Julgas isso?

—Não julgo só, tenho a certeza. Norik lida com algum mais fino do que elle. Crê enganar-me, mas eu não sou Dringsdale. Imaginas que não lhe leio no pensamento?

—Ora, ora! Que suppes então que elle quer?

—A pergunta não deixa de ter graça! Quer curiozear, como todos nós queremos, servindo-se curiozear de todos os meios, sejam elles quizes fôrrem. Mas ha mais: sabes que os meus estudos me tem auxiliado poderosamente no estudo dos caracteres. Pois bem Norik Fieldertown, embora fosse archi-millionario, nunca deixaria de ser um criminoso. Está lhe na massa do sangue. O crime é para elle uma segunda natureza.

«Não matar por necessidade, ha de fazer o por gosto, para saciar o instincto que o impelle ao crime. Para elle é um delírio o vêr morrer um homem.

—Por isso mesmo, deves acautelar-te. Logo que possa, desfar-se-ha de ti, como se tem desfeito de todos.

—Não creio. Tenho e auxiliado tanto e tão bem que me deve uma certa gratidão.

—Pois creês que Norik possa ser grato a alguém?

—Porque não?

—Ab, ah! Imagino que acredita na gratidão d'um bandido como aquelle!

E o interloquente do medico soltou uma gargalhada. Em seguida continuou:

—A prova de quanto elle é grato tiveste a por occasião da sua ultima aversão. Lembra-te do que fez aos dois presos que tão poderosamente o auxiliaram.

—O que foi que elle fez?

—Não o sabes?

—Não.

—Evensenou-os.

—Como?

—Por meio de charutos que lhes offerceou.

—Como o substeu?

—Como sei tudo quanto quero saber.

—E's um homem deveras «extraordinario!

—Não te tenho dado provas d'isso? Tens-te dado mal com os meus conselhos, não te tem tudo corrido á medida dos teus desejos?

—Tem e, por isso, sabes que te sou deliado de corpo e alma. Há apenas um ponto em que não estamos de accordo. Porque não queres que Norik saiba da tua existência?

—Parvo, que não vês que é exactamente n'isso que está a tua superioridade, pois que, ao passo que elle desconhece a tua força, tens a vantagem de, por intermedio de mim, saberes tudo quanto elle faz!

—Sim, tens razão. Mas, diz-me: como consegues isso?

—É o meu segredo.

—Porque m'o não revelas?

—Tô tolo não sou eu. Que lucraria eu, fazendo-o?

Basta-te saber que quando quero conseguir qualquer coisa isso me é facil. Verdade seja que por vezes tenho que gastar muito, mas quem quer alcançar os fins tem que procurar os meios.

—A proposito, tens dinheiro?

—Tenho. Quanto queres?

—Preciso d'umas quinhentas libras.

—Urgentemente?

—Sim.

—Diabo, diabo, disse o medico. Não será de mais?

Olha que o cofre não está lá muito recheado.

—Men velho, quem é rico como tu fazer questão d'uma bagatella!

—Rico, rico! murmurou o mandido. Bem sabes que o não sou. E, se queres que te falle com franqueza não sei onde iremos parar com tanta despeza. Norik gasta e faz gastar á larga, não se lembrando que os fundos se esgotam.

—O saque d'esta noite dar-lhe ha fundos para fazer face ás despezas durante algum tempo.

—Julgas então que o roubo no palacio Melbourn lhe rendeu muito dinheiro?

—Mais do que podes suppor. Mas o que ella projecta fazer ainda mais dinheiro lhe dará. O que não sei é se tu beneficiaras com isso.

—Há ha bocacada fallaste n'esse projecto. Não poderás por os pontos nos iis? Que é que Norik tentou?

—Nada mais, nada menos que casar com lady Mauth!

O medico deu um pulo.

—Hein? exclamou elle. Que dizes tu?

—Casar com lady Mauth! repetiu o de cara de finha, pronunciando espacadamente todas as syllabas?

—Tu estás doido?

—Parece-to?

—Póde lá ser! Norik casar! Havia de ter graça.

—Se tem graça ou não, não o sei. O que é verdade é que a esta hora, pouco mais ou menos, um

padre deve estar a abençoar a união dos dois pombinhos.

—Impossivel!

—Porquê? Porque? Pois Norik póde lá agradar a uma mulher e a uma mulher de alta sociedade? Um bandido como aquelle!

—Esquece-te de que, para lady Mauth Melbourn, elle não é o bandido Norik Fieldertown, mas sim o secretario particular de seu pae, o seductor Swinpaintner!

—E' verdade, nem de tal me lembrava. Dizes então que deve a esta hora ter casado com a lady?

—Sim. Se o casamento não está já realisado, deve estar muito proximo a realisar-se.

—Onde?

—Na taberna do cão.

—Tens a certeza de que affirmas?

—Absoluta.

—E depois?

—E' facil de deduzir. Casado e morto o lord, Norik ficará senhor de uma das melhores fortunas de Londres.

—Esquece-te de que terá de a repartir com o cunhado, o irmão de Mauth, esse estroina que o velho lord poz fóra de casa.

—Que ingenuo me saístes! E' então muito difficil a Norik desfazer-se do cunhado? Uma facada dá-se com tanta facilidade! E de mais a mais quando aquelle que se quer supprimir perde as noites em orgias, sendo por isso facil um encontro casual com um *ebrio* que o provoca e, sem mais tirte tem guar-te, lhe crava uma faca no coração!

—Tens razão.

—Sempre a tenho.

—Que consequencias trará para nós o casamento de Norik? Não será ainda melhor para mim e Dingdaxle o trabalharmos com um homem opulento, de quem ninguém desconfiará? Parece-me que temos tudo a perder.

—Queres um conselho?

—Dize. Bem sabes que te dou sempre ouvidos.

—No teu caso, acatavala-me. Norik não é homem que cumpria lealmente o que promete. Póde ser que me enganou, mas vócs, tu e Dingdaxle, precisam ter o maior cuidado. Só se de todo em todo não puder é que elle se não desocartará de vócs.

—Que devo então fazer?

—A primeira coisa é disfarçares te e iras vêr se elle casou ou não.

—Depois?

—Depois veremos. Vas vestir-te e sairemos juntos.

—Vou já.

E o medico levantou-se.

—Antes, porém, dá-me o dinheiro que ha pouco te pedi. Preciso absolutamente ainda esta noite d'elle.

O dr. Quigglesgrigria se a uma secretaria que era um verdadeiro mimo de arte, abriu com uma chave minúscula uma das gavetas e tirou dez notas de cinquenta libras, que estendeu ao seu complice, ao mesmo tempo que soltava um suspiro.

—Dir-se-hia que te custa a largar este dinheiro das mãos.

—Porque com pouco mais fiool

—Descaça, que em breves dias nadaras em ouro. Os olhos do medico scintillaram.

—Tens algum projecto em mente?

—Melhor do que um projecto, abalata certeza do que affirmo. Um golpe de mão audacioso, que, a ser bem succedido, nos dará ao abrigo das vicissitudes e nos dará quanto quizermos. Fallaremos com mais vagar; agora vas vestir-te para sairmos. Precisas primeiro que tudo ir vêr o que Norik está a fazer, mesmo porque o meu projecto depende da feição que os acontecimentos tomarão. Exporte-te-hei o meu plano, em que elle terá parte importante.

—Precisamos então de Norik?

—Pois supples que, se assim não fosse, não te teria já supprido? Elle julga-se mais forte, mas na sombra velo e o sou eu que dirijo os acontecimentos.

O tom do que fallava era de extrema arrogancia e o de um homem que estava seguro do que dizia.

O medico dirigiu-se para o gabinete contiguo á sala onde acabava de se passar esta conversação.

\* \* \*

Quando d'ahi a um quarto de hora, approximadamente, o dr. Quigglesgrigria tornou a apparecer, ninguém seria capaz de reconhecer o elegante *millionaire* australiano, o homem que tinha entrada nos melhores salões de Londres.

Era um bandido que ali estava, mas não um bandido de casaca e luva branca, antes um d'esses frequentadores assiduos do bairro de Whitechapel, o mais mal afamado da grande capital inglesa.

O doutor era habili em caracterisar-se.

—Bem, disse elle, agora vamos sair pela escada particular que só nós conhecemos, pois não quero que os creados me encontrem. O que diriam elles se me vissem assim transformado?

—Não te reconhecieras e mandar-te-hiam prender, imaginando que eras um ladrão que aqui se tinha introduzido para te roubar. Não deixava de ter graça se tal se desse.

E o de cara de finha soltou uma gargalhada.

—Vamos!

O doutor deu volta ao commutador da electricidade, ficando a sala immerza em funda escuridão.

Com uma certeza que provava que não era a primeira vez que seguiam aquelle caminho, os dois homens atravessaram uma sala que estava tambem ás escuras e o doutor, esvaziando n'um determinado sitio d'uma das paredes d'essa sala, fez com que se ouvisse um pequeno estalido.

Parte da parede girou sobre si mesma, deixando a descoberto uma abertura. O doutor, tirando do bolso uma lanterna electrica, fel-a funcionar, illuminando os primeiros degraus d'uma pequena escada em espiral.

D'ahi a momentos os dois bandidos tinham desaparecido.

A parede voltára á anterior posição e ninguém seria capaz de descobrir que havia ali uma porta secreta.

As consequencias d'essa sortida nocturna deviam ser desgraciveias para Sherlock Holmes, a quem, n'esse momento, Harry Taxon ia tentar libertar do perigo imminente que corria.

Essa sortida ia fazer com que o bandido pudesse escapar de ser preso no dia immediato.

## CAPITULO X

### O casamento na taberna

Quasi na mesma occasião em que lord Melbourn sahia de Scotland Yard, depois de saber que era falsa a chamada que lhe tinha sido feita, parava junto da taberna onde se desenrolaram os acontecimentos anteriormente narados em um automovel.

Do vehiculo sahia um homem acompanhado por uma dama, cujo rosto se não podia vêr, pois ia coberto com um espesso véo.

—Onde estamos e que é feito do sr. Swinpaintner? Que significa tudo isto?

Estas palavras foram proferidas pela dama, que se ia estar attenta.

O homem, porém, sem dar attenção alguma a essas perguntas, approximou-se da porta, metteu uma chave na fechadura e, abrindo-a, disse em tom que se esforçou por tornar amavel:

—Peço-lhe, lady Melbourn, que entre com a maior confiança. Aqui, não podemos conversar. O sr. Swinpaintner não se demora e dar-lhe-ha as necessarias explicações. Recobi o encargo de a acompanhar até aqui e sei apenas que os espera um padre. Com cer-

teza que ha razões poderosas para que o sr. Swinpainter assim tenha procedido.

Lady Mauth avançou, agitada por um certo tremor, e ao entrar na casa sentiu uma sensação de receio inexplicavel.

Aguardava na escada uma velha que parecia meio idiota e a joven lady percebeu, com infundo desgosto, que ella estava embriagada.

A velha abriu a porta d'um quarto, no primeiro andar, que se poderia considerar assiado e confortavel.

Convidou a joven a entrar.

—Chame o sr. Swinpainter, porque quero falar-lhe immediatamente, ordenou lady Mauth em tom resolutivo.

A velha, collocando-se em frente da porta, retorquiu em tom de moça:

—Então, então! Já vaes falar ao teu amante, pom-binha! Não podes esperar, estás apaixonada? Sim, sim, esse Fielder, isto é, esse Swinpainter é um bom patife. Na minha opinião...

A velha não pôde continuar, porque um pulso vigoroso, agarrando a pelo queixo, afastou-a da porta, fazendo-a galgar com mais rapidez do que ella queria as escadas, ao fundo das quaes ficou estatelada, sem se poder mexer.

Fechando a porta, Fieldertown entrou no quarto, no meio do qual, em pé, presa de grande agitação, estava lady Mauth.

—Desculpa-me, minha querida Mauth, por te ter exposto a ouviras as boboseiras d'esta harpia. E' minha parente e a unica pessoa em quem deposito absoluta confiança. Infelizmente, está n'um dos seus maus dias, pois tem o maldito vicio da embriaguez, que não conseguí ainda fazer-lhe perder, apesar de todos os meus esforços.

Mauth deu alguns passos e exclamou, em tom solugante:

—Jayme, para onde me trouxeste? Que relações pôde haver entre ti e tal mulher? O que deve...

—Querida Mauth, atalhou o bandido, não me faças perguntas a que não posso n'este momento responder. Mais tarde saberás tudo e verás que te não menti. Vem. Arranjei com muito custo um padre para celebrar o nosso casamento. Ha muito que elle nos aguarda.

Mauth sentia uma angustia indizível confranger-lhe a alma. Desde que abandonára a casa paterna, essa sensação subsistia, não lhe deixando recuperar a tranquillidade de espirito.

O bandido levou-a para outro quarto, onde tudo fôra preparado para a cerimonia que ia realisar-se. Á um canto via-se um improvisado altar, onde ardiam dois cirios.

N'elle se fitaram os olhares dos dois recém-obegados. De-parou-se-lhes um espectáculo singular. N'uma das extremidades do altar estava um padre envolverado nas vestes sagradas e esvasiando uma garrafa de vinho.

Ao ouvir abrir de subito a porta, esconden atabalhoadamente a garrafa atraz do altar e correu a receber os noivos, obedeendo assim a um olhar imperioso que Fieldertown lançára.

—Deu-se, porém, um incidente inesperado.

Mauth comprehendeu de subito que dera um passo em falso. Quando o padre, avançando, lhe pegou na mão, ella repelliu-o e, dirigindo-se áquelle que a convencerá a vir ali, disse-lhe em tom supplicante, mas resolutivo:

—Quero sahir d'aqui. Acompanhe-me já a casa de meu paé.

Fieldertown não respondeu, lançando lhe apenas um olhar imperioso.

Mauth correu para a porta, abriu-a e clamou por socorro. Fieldertown n'um pulo estava a seu lado, e agarrando n'um panço que recobria um dos moveis do aposento tapou-lhe a cabeça.

Depois, pegando n'ella em peso, levou-a para cima d'um pequeno sophá que ali se encontrava. Em seguida dirigiu-se para a porta, a fim de fechala.

Ao voltar-se, viu que o falso sacerdote tirara o panço e aconselhava a Mauth a maneira de se defender. Apoderou-se d'elle um furor selvagem. Dirigindo-se ao altar, pegou n'um perado castigo e atirou-o á cabeça do falso padre, antes que este pudesse evitar tal aggressão.

O homem cahiu, soltando um grito, com o cráneo fracturado.

Mauth, refeita do seu primeiro impulso de terror, presenciara aquella scena. Soltando um grito de pavor, tentou fugir.

Mas Fieldertown correu atraz d'ella e, apoz uma curta lucta, Mauth estava por completo á mercê do sinistro bandido.

## CAPITULO XI

### A vingança do taberneiro

Depois de atravessarem o corredor secreto e terem desembocado na egreja para onde elle tinha sahido, os bandidos subordinados de Fieldertown tinham mettido Sherlock Holmes n'um carro, que se pusera a caminhar com toda a rapidez.

Ao obegarem á taberna, encontraram estendida no

fundo da escada a velha que fôra impellido tão rudemente por Fieldertown e que os informou do que em cima se passava. Elles abandonaram o criminalista junto da velha e sahiram.

Sherlock Holmes fez esforços para falar, mas a mordaga que lhe havia sido posto impedia-o de tal e quasi o asphyxiava. A velha condoendo se da situação em que elle se encontrava a vendo os esforços que fazia, tirou-l'ha.

O criminalista agradeceu lhe e perguntou lhe em tom persuasivo:

—Quer vingar-se do patife que a arremegou brutalmente pela escada?

—Como poderi fazel-o? suspirou ella. Nem sequer me posso mexer; aquelle maldito quebrou-me as coxas e fellas tuas.

—Desamarrar-me os pés e as mãos e prometto-lhe que a hez de vingar e bem vingada.

A mulher arrastou-se para junto do prisioneiro e, apoz algumas tentativas, conseguiu desamarrar-lhe as mãos.

Sherlock Holmes conseguiu em breve recuperar a liberdade de movimentos. Mal se tinha posto de pé, a porta abriu-se de subito, entrando os bandidos de rôldo.

Holmes levou as mãos aos bolsos. Felizmente, ninguém se tinha lembrado de o revistar e por isso encontrou os seus revolvers. Puxando por elles, avançou resolutamente ao encontro dos facinoras, que, ao vê-lo, exclamaram:

—O maldito conseguiu levar-se das cordas e agora conhece os nossos segredos! Vamos a elle, matemol-o, se não queremos morrer!

Seus armados de facas, outros de revolvers, arremegaram-se contra o criminalista, o qual comprehendeu que estava perdido se não se batesse valente mente.

Quando um dos facinoras chegou ao seu alcance, Sherlock Holmes disparou contra elle.

O tiro teve um resultado duplo.

Os acelerdos recuaram até á porta e Fieldertown, ao ouvir, em cima, a detonação, desceu apressadamente a escada.

Reconheceu á primeira vista que fallára o seu plano de fazer ir pelos ares o taberneiro e os restantes membros da quadriha, devido a uma circumstancia que ignorava.

Emquanto Sherlock Holmes continha em respeito os que o atacavam, o chefe da quadriha subia apressadamente e agarrando no braço de lady Mauth tentou alcançá-la a escada que dava para o pateo. A porta que dava accesso para essa escada estava, porém, fechada.

Reflectiu um momento, depois arrombou a porta.

N'esse instante, ouviu a voz do dono da taberna. Procurando um esconderijo, galgou o pateo á pressa e dirigiu-se para uma grande capoeira, cuja porta estava aberta.

Contava já poder ali occultar-se sem ser visto, mas de novo ouviu vozes no pateo.

Abandonou a idéa que lhe occorreu e dirigiu-se para uma cocheira onde se não via um palmo adiante do nariz.

Abandonando a sua victima, tentou fechar a porta sem ruido.

Sentiu que alguém de fóra á empurrava tentando entrar.

Empregando os maiores esforços, conseguiu correr o ferrolio.

Accendendo um phosphoro, analysou o sitio onde se encontrava, mas recuou dois passos.

Junto d'um fecho de palha jazia o cadaver do velho m-ltrapilho, paé do taberneiro, horas antes por elle assassinado.

Fieldertown deixou apagar o phosphoro e não teve animo para acender outro, pois o espectáculo era aterrador.

Aguardou os acontecimentos.

Ouviu os seus antigos subordinados vociferarem contra elle, proferindo toda a especie de improperios.

No pateo passára-se outra scena differente.

Attentos a principio por verem cair ferido um dos seus, os bandidos depressa recuperaram animo e precipitaram-se sobre Sherlock Holmes, a quem consideravam um inimigo terrível.

A porta de repente abriu-se e no limiar appareceu o taberneiro.

Holmes aproveitou a occasião. Dando um salto no mesmo tempo que disparava de novo o revolver, o criminalista enfiou pela porta e desapareceu no meio da villa.

Preparavam-se para o perseguir, quando se ouviu a voz da velha, clamando:

—Olhem que o mascarado lhes fogel!  
Voltaram-se todos e levando á frente o taberneiro correram em perseguição de Fieldertown.

Encerrado na cocheira, no meio das trevas, o bandido respirou um pouco.

Escutando attentamente, percebeu que arrastavam para junto da porta objectos pesados, que a ella encostavam.

Comprehendeu.

—Querem encerrar-me aqui, penso elle.  
De-pois de meditar um pouco, accendeu de novo um phosphoro para vêr se haveria outra sahida, por onde pudesse fugir.

N'esse momento, lady Mauth soltou um grito lancinante, gritou que infundiu pavor ao brndido, o qual deixou cair o phosphore accoso.

A sua attenção voltou-se para a joven que, tendo voltado a si, soltára esse grito, ficando a tremor de susto.

Tinha avistado o cadaver.

De subito, a palha incendiou-se, tomando em poucos momentos o incendio proporções enormes.

Fieldertown, tendo plena consciencia do perigo, correu o ferrolho, tentando abrir a porta, mas esta não cedeu.

A barricada arranjada pelos seus antigos subordinados cortava-lhe a sahida.

Outra descoberta que fez atterrou-o. Não era só a cocheira que ardia. Todo o edificio era pasto das chamas.

Os bandidos tinham resolvido matar assim o seu inimigo.

O taberneiro dissera:

—Esse *canalheiro* queria que morrassemos ou queimados, ou por meio de uma explosão. Vamos nós dar-lhe aquillo como que elle nos queria preservar. Fae morrer assado.

Taes palavras tinham sido applaudidas e haviam posto immediatamente mãos á obra.

O pateo parecia deserto, bem como a immanda taberna. Pouco depois, no telhado da cocheira surgiu uma cabeça e logo após um rosto, que não se assemelhava de forma alguma a um rosto humano. Em seguida appareceu um braço.

Era Fieldertown que, abandonando covardemente a sua desgraçada victimia, descobria aquella fresta e tentava assim escapar á morte horrivel que sabia que o esperava.

Mas, avistando a pessoa no pateo, de novo appareceo.

Com effeito, dois vultos tinham apparecido por cima da porta gradeada que dava para a viella.

—Depressa, Harry, deixa a entrada livre. Aposto em como não é só aquelle patife que tenta fugir lá

Ler no proximo numero:

## O LADRÃO DE MULHERES

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta

por cima. A joven lady deve tentar tambem salvar-se. Vamos a isto.

E, mettendo hombros á empresa, os dois corajosos policiaes amadores trataram de desfazer a barricada que fora erguida, sem se importarem com o fogo. Abriram a porta e entraram, apesar do asphyxianse calor e das ch'amas enormes que de todos os lados os envolveram, tolhendo-lhes o passo.

Os seus estorços foram coroados de resultado. Lady Mauth jazia, immovel, junto da porta, e dava signaes de vida.

O rosto estava voltado para baixo. A essa feliz circumstancia devia pobre senhora não ter morrido asphyxiada.

Trouxeram-na para fóra, estendendo a sobre um banco, onde, d'ahi a pouco voltou a si.

Os bombeiros accorriam. Nada puderam salvar do miseravel edificio, que foi por completo pasto das chamas.

A cocheira tinha desabado pouco depois de Mauth ter sido salva, soterrando nos seus escombros o temivel bandido Fieldertown, o flagello e o terror de Londres.

Não entulho foram encontrados dois esqueletos. Era o do pae do taberneiro e o do seu assassino.

Os jornaes, ao relatarem no dia seguinte o que se tinha passado, eram prodigos de elogios para Sherlock Holmes e Harry Taxon, que haviam conseguido fazer desaparecer de scena o bandido emerito que durante tanto tempo tinha trazido affeição a poeiras da cidade de Londres.

Dingadale, como o leitor já sabe, morrera. Falta apenas prender um dos membros importantes da temivel quadrilha, o rico australiano, que como já dissemos, se puzera em fuga.

N'outra *Novella* relataremos as aventuras de Sherlock Holmes na perseguicao d'esse sinistro malfeitor.

FIM

## OS DESEQUILIBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathológicos

(Por Armando Dubarry)

O Amor nos suas diversas manifestações, regem, regerá perpetuamente o mundo. Provam-no o estudo das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as tradições — se tomos os povos até á actualidade e a nossa vida contemporânea.

E talar as aberrações a que as paixões desviadas conduzem os homaens, tal foi o intuito do auctor ao escrever a série de romances psycho-pathológicos que subordinao no titulo geral *Desequilibrados do Amor*, e nos quaes os vicios contra natura, o hero-phroditismo, a hyrcelia, a depravação e os assumptos analogos são tratados com mão de mestre.

Dos *Desequilibrados do Amor* acha-se publicado o primeiro volume:

### O Fetichista

Deveo seguir-se a este interessante romance sobre uma das mais repugnantes manifestações da fabricidade, os seguintes, já no prelo:

- Os Invertidos
- O Hermaphrodita
- O Mysterico
- Os Flagellantes, etc., etc.

Preço de cada vol. edição de luxo, 1 nitidamente impressa em bom papel

500

REIS

RENÉ EMERY  
S.ª Maria Magdalena  
Romance de lingua italiana  
I. A Paschoes de Fermoio  
II. Chamas de voluptuosidãde—III. Moah, terra da luxuria—IV. Pola senda do amor—V. Belgio supremo.  
1 vol. em 8.ª com artifice capes e 8 cines 700 rs.

LEIAM TODOS:  
O conquistador de criadas  
Illustrate romance de aversos galates.  
Um grosso volume em 8.ª capa artistica e esplendida gravura. 300

COMO SE CONQUISTAM MULHERES  
O Conselho a um rapaz  
1 vol. ed. de luxo. 600 rs.

TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA  
por L. C. Kumlén.  
Edição de luxo, professionalmente illustrada, formando um elegante vol. in-8.º gr.

300 Rs.

## Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia - amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes:

- |                                   |                                |
|-----------------------------------|--------------------------------|
| 1 Crimes no palacio Jackson       | 18 Jackson envenenado          |
| 2 O caso d'uma perva              | 19 Restauração de Jackson      |
| 3 Evasão d'um malvado             | 20 Sapatos de defuncto         |
| 4 O caso impudico                 | 21 Jackson contra Sherlock     |
| 5 Calvario d'um assassino         | 22 Hilices                     |
| 6 Um attentado terrorista         | 23 Mulheres policiaes          |
| 7 A creença martyr                | 24 Um milhão de francos        |
| 8 Resgate sangrento               | 25 As bruxas de um Vandeke     |
| 9 A falsa suicida                 | 26 Coração torturado           |
| 10 Um diamante novissimo          | 27 O quarto dos mortos         |
| 11 Junto da guilhotina            | 28 Por saguar a mulher         |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 29 A cabeça cortada            |
| 13 O caso policia                 | 30 O segredo do conde          |
| 14 O esqueleto vivo               | 31 Traquillo pela areia        |
| 15 Honddios de casaca             | 32 A derrota dos bandidos      |
| 16 A ruína dos apaches            | 33 Os mysterios de Chicago     |
| 17 Duas facanhas notaveis         | 34 O subterraneo dos cadaveres |
|                                   | 35 Por saguar a mulher         |
|                                   | 36 A renuncia de Lord Jackson  |

600 cada volume — Serie completa, 2.000 rs.

REIS

IVRO DE LEITURA JIU-JITSU  
1 vol. edição de luxo com 19 bellas  
e 4 phototypuras de pagina 1/2  
— 1 volume illustrado 400 rs. — 600 reis

Collecção Artística  
Publicação mensal e illustrada das mais  
sensaconaes novidades litterarias estrangeiras —

Volumes publicados  
1. Arsenal Lupin, galudo da alta roda, por Maurice Leblanc (Esp. 1). 2. O Homem Mysterioso, Guy de Tivromont  
3. O tunallo de gelo, Pierre Giffard. 4. Arsenal Lupin contra Herick Sholmes, Maurice Leblanc. 5. Um grilo na tumba, Goldsborough. 6. O Prisioneiro de Marle, G. Le Rouze. 7. O Club dos Ladroses, Henry A. Hering. 8. A Agulha Órea. (Novas aventuras de Arsenal Lupin) M. Leblanc. 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi. 10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard. 11. O Canhão do somno, Paul d'Ivoi. 12. Qual dos tres grande romance policia, A. O. Green. 13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouze. 14. O Pirata de Ferro, Max Pemberton. 15. As tres galinas, sensacional romance de aventuras Paul d'Ivoi. 16. Kowa, a mysteriosa, por Ch. Foley. 17. Sib. (Novas aventuras de Arsenal Lupin) M. Leblanc. 18. Em Perias, por Henri de Fagnier. 19. O Palacio submarino, por Max Pemberton. 20. Um crime tenebroso, por A. Galopin. 21. A sontra mysteriosa, por Fergus Hamet.

Cada vol. in-4.º, contada a materia de um

350 rs. ccc grosso vol. in-8.º, de 300 330 rs. 350

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

## AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilégios  
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ  
600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600

# Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato  
Cada numero um episodio completo

60 R\$. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA DE PORTUGAL R\$. 60

Novella mais notavel e sensacional  
das novidades litterarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa  
e composta em magnifico typo

É um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que  
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

### HISTORIA de PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até á actualidade

#### Volúmenes publicados:

- 1 Viriato, o heroe luso
- 2 Roma na Lusitania
- 3 Os barbaros do Norte
- 4 A invasão dos Arabes

- 5 Fundação de Portugal
- 6 O cerco de Guimarães
- 7 Egas Moniz

#### A seguir:

- 8 Conquista de Lisboa
- 9 Giraldo Sempavór
- 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazaré)
- 11 Tomada d'Alcácer
- 12 Rainha D. Mécia

- 3 O Bolonhez
- 14 O rei trovador
- 15 Rainha Santa Izabel
- 16 A Batalha do Salado
- 17 Inez de Castro
- 18 A Rainha Adultera

CAROLUS DIDIER

## A ORGIA BIBLICA

Romance passional, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo,  
magníficas gravuras e capa artistica

700 rs.

## NICK CARTER

O ce'ebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA) 100 rs.

Não existe um americano, seja elle quem iór, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo. O amigo mais intimo d'este famoso agente, o inspector Mc. Clusk, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais inacreditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos: lan es, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobes orgias.

**OS MYSTERIOS DE NOU' YORK** cidade que, out'dra simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embr agadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um aturo de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os **NICK CARTER**

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, fórma um episodio completo.

#### Volúmenes publicados:

0 rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio femenino 4. O cadaver falsificado 5. O ultimo crime d' Carruthers. 6. O rano d'um noivo. 7. Visinho mysterioso. 8. Caca aos milhões. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatunos. 11. O rapto da duqueza 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de batota. 14. O homem da mão de ébano. 15. As joias de mr. Hackett. 16. Um electrico reigioso. 17. No Casino de Palm Beach. 18. Uma victima da sciencia. 19. O assassinio de Fall River. 20. Aventuras d'um policia no Far-West. 21. Os poços de petroleo. 22. O Olho do Diabo.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

Dr. PEDRO GUERDES

## O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doencas deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que se resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8.º grande illustrado  
de 226 paginas e 1 appendice

700 reis — Elegantemente cartonado — reis 700